



**Movimentos na educação física:
por uma ética dos corpos**

Dagoberto de Oliveira Machado

Porto Alegre

2011

DAGOBERTO DE OLIVEIRA MACHADO

Movimentos na educação física: por uma ética dos corpos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Grupo Temático: Educação em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim

Porto Alegre

2011

CIP - Catalogação na Publicação

Machado, Dagoberto de Oliveira

Movimentos na educação física: por uma ética dos corpos /
Dagoberto de Oliveira Machado. -- 2011.
113 f.

Orientador: Ricardo Burg Ceccim.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. Corpo. 2. Educação Física. 3. Educação em Saúde. 4. SUS. 5.
Saúde Mental. I. Ceccim, Ricardo Burg, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

Aprovada em 25 de março de 2011.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Paola Basso Mena Barreto Gomes Zordan

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG-Educação)

Prof. Dr. Alex Branco Fraga

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG-Ciências do Movimento Humano)

Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG-Psicologia Social e Institucional)

Profa. Dra. Yara Maria de Carvalho

Universidade de São Paulo (PPG- Pedagogia do Movimento Humano)

Dedico este trabalho ao meu pai, pela nossa amizade construída com o esforço e encontro de nossos corpos: Abrelino José Rodrigues Machado (*in memoriam et corde*)

Resumo

O campo do trabalho-formação, como um campo de luta para nossas práticas, ao ser permeado pela pesquisa e análise, pode nos fornecer um pouco de arejamento para as encomendas profissionais/institucionais que recebemos. Neste sentido, a presente pesquisa se inscreve nas discussões de educação física em saúde, na perspectiva de problematizar o tema do corpo no cuidado em saúde mental, a partir da minha inserção no processo de trabalho na Rede de Atenção Psicossocial de Aracaju/SE. Interessa-me, pois, as práticas em educação física, inclusive discursivas, de um saber-poder-fazer que põe em evidência o corpo. Como tem se apresentado a encomenda sobre o corpo feita aos professores de educação física nos serviços de saúde? Essa pesquisa se quer *caçada* por movimentos-acontecimentos no jogo das práticas cotidianas, tendo como atitude uma atenção cartográfica. Tais movimentos-acontecimentos foram registrados em sete *cadernos de formação*, durante o período de 2007 a 2009, sendo rastreados na busca por movimentos de re-existência de corpos. A descrição dos movimentos de encontro dos usuários com os seus corpos por meio da prática corporal da capoeira e do encontro com o mar permitiu pensar uma concepção de corpo que tem nos acontecimentos seu movimento de invenção, *corpo dos corpos*. Neste sentido, sinaliza-se uma educação física que acompanhe os corpos, *maquinando* práticas de cuidado que dêem passagem ao corpo que surge em meio ao movimento.

Descritores: 1- Corpo. 2- Educação Física. 3- Educação em Saúde. 4- SUS. 5- Saúde Mental.

Abstract

The field of work-formation, as a battlefield for our practices, while permeated by research and analysis, may provide some fresh air to the professional/institutional demands we get. In this sense, the present research work enrolls itself into the discussions of physical education in health, in the perspective of putting in doubt the theme of body under the care of mental health, grounded on my insertion in the process of work in the Psychosocial Attention Network of Aracaju/SE. It concerns me, therefore, the practices in physical education, including the discursive ones, of a knowledge-power-do which puts the body into evidence. How has the demand on body been presented to the physical education teachers in public health services? This research work wants itself to be hunted by movements-happenings in the game of daily practices, having as attitude a cartographical attention. Such movements-happenings were registered in seven formation notebooks, during the period of 2007 to 2009, being tracked in search of body resistance movements. The description of the meeting of users with their bodies through the body practice of *capoeira* and their meeting with the sea allowed me to think in a conception of body which has in the happenings its invention movement, *body of bodies*, plotting care practices which let pass the body that emerges in the mid of movement.

Keywords: 1- Body. 2- Physical Education. 3- Health Education 4- SUS. 5- Mental Health.

AGRADECIMENTOS

É madrugada ainda e continuo escrevendo, mas é madrugada ainda, o dia está apenas começando. O que seria do dia sem uma madrugada para lhe dar começo, ou o que seria a noite, tão longa, sem a madrugada para lhe dar um fim, como se fosse ainda recomeço de mim?

Agradeço a força das madrugadas escritas, que traçam na insônia uma letra trêmula do que quero dizer. Um desenho do corpo que acorda do sono, ou que se põe a gingar, se queda na roda, ao pé do berimbau a agradecer. Ao final desta roda-texto, sei que sigo rodando, jogando, escrevendo, tecendo movimentos com o corpo e, sobretudo apreendendo. Na capoeira uma roda nunca acaba nela mesma, sempre continua em uma próxima roda. Por isso, damos volta ao mundo, para poder retornar ao pé do berimbau, pedir nossas bênçãos, agradecer e continuar jogando.

Uma escrita de certa forma me parece sempre coletiva, esta, me parece ainda mais. Sinto que agradecer é tudo o que tenho a fazer, tudo o que preciso. São dos encontros coletivos que tento descrever o encontro singular entre os corpos. O meu próprio corpo é composição da força destes encontros, portanto agradeço aos meus bons encontros:

Agradeço ao meu mestre de capoeira e de vida, ao Jé, meu pai, irmão e amigo, que me ensinou e ensina, na força da ginga, uma capoeira para a vida. Agradeço ao meu pai Reginaldo pelo axé, força e coragem que inscrevem na ancestralidade do meu corpo a força e o axé da nossa história. E da minha história, agradeço ao meu pai Abrelino, que ao meu corpo me deu forma, força e vida, que me ensinou a trilhar os caminhos, que foi meu limite, meu contorno, meu amigo, meu companheiro, que tanto amo e que tive o prazer de chamar de

pai. Na continuidade destes encontros, que nos levam para longe de nossas fronteiras, agradeço ao meu pai Manuca, pelo afeto, acolhida e carinho, pelo ombro amigo, pelos conselhos, orientação e parceria. À Pretinha agradeço pelo colo, aconchego, carinho, pelos ensinamentos e pela tradução das palavras que iniciam este texto, mas principalmente por ser minha irmã azul de linda.

Agradeço a minha família, a minha querida e amada mãe, Jodite, que sempre me apoiou, mesmo que para isso, se privasse de algo seu. Agradeço seus incentivos, por confiar em nós, por nos dar o seu carinho e o seu amor. Aos meus amigos e irmãos, Rodrigo e Gabriela, que são minha vida, agradeço-lhes pela paciência com este irmão mais velho, nem sempre tão presente, mas que os ama muito. A minha família aracajuana, Ester, Dudu, Dona Teresa, Dona Maria, Duda, Lu, Marcelinho, Bel, Marcelo, Felipe, Diana, Daniel, Débora e Nicole por me acolherem e me fazerem sentir em casa em mares tão distantes. Ao meu irmão e cunhado Rodrigo pela parceria e pelo aprendizado com as imagens que compõem este texto. A minha família Buscapé, Debi, Francis e Ari por esta amizade e jornada pelo SUS e pela vida a fora.

Agradeço à Pati, minha irmã de águas tão profundas, por suas palavras, cafés, jantares e companhia neste nosso processo. À Isabela pelo seu trabalho e sensibilidade nas imagens da qualificação e pelo aprendizado. Agradeço à minha melhor amiga aracajuana, Alice, que não importa onde estivermos sempre estará presente, literalmente.

Agradeço às ondas do meu encontro com Mi, minha companheira. Meu grande encontro com *l'amar* (com o amor). Agradeço a sua companhia, o seu incentivo, o seu amor. Sua ajuda foi fundamental para que fluidez das águas que correm neste texto. Agradeço sua sensibilidade, água da minha vida. Sou muito grato, à Luna, Yoda, Lampião e Flecha, meus gatos e meus cachorros, pela companhia nas madrugadas frias de escrita e por fazerem parte de nossa vida.

Sou imensamente grato aos usuários, trabalhadores e gestores da Rede de Atenção Psicossocial de Aracaju, pelo encontro, confiança e troca, o que certamente, permitiu que este trabalho fosse construído coletivamente.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS pela qualidade e empenho dos seus professores e funcionários. Ao CNPq pela bolsa de pesquisa que permitiu a sustentabilidade para que este trabalho fosse realizado. Agradeço as contribuições dos colegas de pesquisa do EducaSaúde. Ao Raphael, Cícero e Charles sou muito grato pelas nossas discussões, textos e disciplinas compartilhadas que tanto me inquietaram e fizeram reverberar nesta escrita. Agradeço ao Bechior, Giane, Aninha, Daniela e ao Airton, que no desenvolver de suas atividades no *Educa* sempre estiveram disponíveis e parceiros para ajudar a resolver nossas situações do dia-a-dia. Aos companheiros do Grupo de Pesquisa Intervires, André, Loiva, Rafaela, Stela, Francis, Vera, Vania, Cecilia, Diogo sou muito grato pela acolhida no grupo e pela parceria nas construções coletivas e aos bailinhos do corpo. Aos amigos de construção Felipe Wachs e Luiz Fernando Bilibio, que tanto inspiraram minha atuação no SUS.

Alguns professores por meio de suas disciplinas e intervenções foram de alguma forma dando contornos a esta escrita. Agradeço à dedicação dos professores Nilton Müller, Sandra Corazza, Jaqueline Tittoni, Dagmar Meyer, Guacira Louro, Luís Henrique Sacchi dos Santos, Eduardo Ribeiro e Rosa Fischer.

À professora Simone Paulon com sua sensibilidade de analista e marteladas nietzscheanas: trouxe-me um corpo enquanto combate constante. Compondo com este movimento, agradeço pela consistência, beleza e a arte das aulas e conversas com a professora Paola Zordan: me apresentaram um pensamento que é imanente a tudo o que fazemos na vida. Ao professor Alex Fraga que durante a graduação me ensinou que não havia conteúdo proibido nas nossas práticas de educação física. À professora Yara Carvalho: sua produção foi importante para que eu pudesse intervir, a partir da educação física, no Sistema Único de Saúde. A estes quatro professores, que tive o prazer de tê-los na banca final, agradeço ao imenso presente que foi aquela manhã de sexta-feira, pelo cuidado, pelo carinho e pela dedicação na leitura e considerações. Como disse na própria banca “continuo na roda”, mas sempre tendo a eles para que possamos continuar “todos jogando”, por fim, agradeço a uma banca que valeu muito a pena de ouvir e apreender.

Ao meu orientador Ricardo Burg Ceccim, agradeço muito pela dedicação e o trabalho referente à educação e saúde que reverberou desde minha graduação. Agradeço pela acolhida e carinho no mestrado, pelas discussões e intensidades das aulas, pelas orientações e disponibilidade e, principalmente, por ter aceitado o desafio de me orientar nesta construção. Reafirmo que quando selecionado para o mestrado falava de um desejo pelo mestrado que era múltiplo, que não se reduzia apenas a busca por uma titulação, um desejo que me colocasse em movimento, desejo pelas aulas, pelas disciplinas, por autores ainda não lidos, por visitar outros, pelas discussões com os professores e colegas, e por uma escrita que conseguisse dar um pouco de corpo a algumas inquietações. Trabalho que agradeço muito a esses momentos de troca e que não apenas me puseram a andar, mas a girar em uma roda coletiva que não acaba aqui, apenas começa.

Faran rere afiribo

afiribo faran

rere koke omorodé

Wáwá l'odé, todé òrun

Òkè aro! Odé mi tonan! Mo dupé ô ô!

Lista de Siglas

AT – Acompanhamento Terapêutico

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

Caps – Centro de Atenção Psicossocial

Caps i – Caps para atendimento à infância e adolescência

Caps ad – Caps para atendimento de usuários de álcool e outras drogas

CDC – Centers for Disease Control and Prevention

Celafisc – Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul

Dant – Programa de Vigilância de Doenças e Agravos Não-Transmissíveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Inamps - Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social

MS – Ministério da Saúde

NASF – Núcleos de Apoio à Saúde da Família

Nupafise – Núcleo de Pesquisa em Atividade Física

OMS – Organização Mundial de Saúde

Opas – Organização Pan-Americana de Saúde

PTS – Projeto Terapêutico Singular

Reap – Rede de Atenção Psicossocial (Prefeitura Municipal de Aracaju/SE)

Samu – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SES – Secretaria Estadual da Saúde

SMS – Secretaria Municipal da Saúde

SRT – Serviço Residencial Terapêutico

SUS – Sistema Único de Saúde

UBS – Unidade Básica de Saúde

UFS – Universidade Federal de Sergipe

VER-SUS – Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde

Sumário

Apresentação	15
De que corpo <i>trata</i> a educação física?	20
Estratos corporais: notas acerca do corpo consumado e consumido	25
Liberando linhas de fuga: o corpo numa <i>nova</i> oferta da educação física	36
A caçada como método	41
Nas trilhas de uma caçada: corpos abrindo passagem	43
Armas para uma caçada	46
Corpos do corpo: como caçar um corpo	54
Movimento I – A capoeira vergando a linha de cuidado em saúde mental....	55
Corpos e práticas que brotam da repetição.....	59
Ritmo, jogo, roda: construções da capoeira.....	64
A roda: o corpo como fluxo de forças.....	68
Movimento II – O mar nos ensina a navegar: habitar o <i>entre</i>	76
Experimentando acompanhar	81
Dentro do mar tem rio. Dentro de mim tem o quê?	86
Por uma educação física agenciadora de práticas corporais singularizantes ...	100
A educação física na saúde: o corpo como a grande razão	105
Referências Bibliográficas.....	110

Apresentação

Apesar de não haver consenso entre os autores da área, a educação física, muitas vezes, é considerada uma ciência do “movimento humano” ou ciência da “motricidade humana”. Mas o que se entende por movimento humano? Apenas o movimento físico dos corpos? A palavra movimento, segundo o dicionário da língua portuguesa Houaiss, se refere, na sua rubrica física, à “mudança, no tempo, da posição de partícula, corpo sólido ou outro sistema físico localizável, como observada num dado sistema de referência”. Já a palavra corpo, aparece como a “estrutura física de um organismo vivo (especialmente o homem e o animal), englobando as suas funções fisiológicas” ou, ainda, “a parte concreta, material dos seres” (HOUAISS, 2007).

Movimento diz respeito, também, ao “ato ou efeito de mover-se,(...) mudança de um corpo (ou parte de um corpo) de um lugar (ou posição) para outro; deslocação”. Movimento no sentido da mudança dos/nos corpos que não ocorre apenas no corpo físico, parte concreta, material dos seres. O corpo é assinalado, pela definição de “compleição física de alguém” e a própria compleição não é permanente, podendo ser objeto de *movimento*. Movimento é uma palavra que se pode utilizar para assinalar a mudança de um “território” para outro, sempre em processos de “desterritorialização”, coerente com a idéia de deslocação, mas que pode referir-se ao desmanche das fronteiras de um lócus para seu redesenho, sem um processo físico (espacial), mas subjetivo (DELEUZE & GUATTARI, 1997, pp. 224-226). Parece que o corpo, *objeto* de intervenção dos professores de educação física, que os colocam entre os estudiosos ou operadores das ciências da saúde, junto com outras carreiras profissionais da área da saúde, além da área da educação, ganha outros contornos quando abordado pela

perspectiva do movimento não apenas físico, mas de estados, posições e compleição que indicam dispositivos de subjetivação, de constituição de si.

A educação física emerge, neste contexto, mais distante da noção de preparação física corporal e mais acercada da noção de contato com as experimentações corporais, resultantes de exercícios, desestabilizações, vivências, perda de contornos subjetivos como operadora de uma complexificação de sentidos, constituição física e disposição psicológica em torno do corpo.

A presente dissertação discute o contato com “experimentações corporais” na construção de um processo de trabalho designado como trabalho-formação de um professor de educação física em sua inserção no Sistema Único de Saúde (SUS). Tal contato traz consigo inquietações importantes quanto ao saber-poder-fazer dos professores de educação física nos serviços de saúde, em particular, nos serviços de saúde mental, onde os corpos não demandam preparação física, mas a operação da complexificação dos corpos. Ainda que os corpos em serviços de saúde mental demandem atividade física que recupere, mantenha ou desenvolva capacidades corporais para deslocar-se, jogar ou trabalhar, qual corpo vê/escuta/educa/trata o professor de educação física?

A pesquisa substrato da dissertação se insere nas discussões da educação física em saúde, na perspectiva da problematização do tema do corpo no cuidado à saúde. A partir do meu pertencimento de trabalho como professor de educação física em serviço de saúde mental do SUS, integrante do coletivo gestor de saúde na Rede de Atenção Psicossocial da cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, e da minha inserção como profissional em autoformação, uma vez que recém graduado e induzido a uma prática de trabalho de atenção cartográfica e sob documentação qualitativa em *diários de navegação/cadernos de formação*, constitui um cenário espontâneo de trabalho-formação. Este cenário, sob a forma de seus documentos de percurso, foi revisitado, escarafunchado, sistematizado e exposto ao debate acadêmico. Finalmente, deste cenário foram pinçadas duas peças-dispositivo para a exploração de uma paisagem ao trabalho da educação física em saúde. O projeto original, no campo

do trabalho, estava designado como Projeto Movimentos, corpos em movimentos, em processo de desterritorialização no cotidiano das práticas em saúde, que nos apontaram uma perspectiva de pesquisa que desdobrasse seus movimentos, mudanças, rupturas, deslocamentos de/em tais corpos. A dissertação, no campo da pesquisa e dos estudos de pós-graduação, tornou-se a exploração acadêmica (abertura de um panorama) à presença de um *corpo dos corpos*, isto é, a detecção de que corpos, não menos concretos ou materiais, mas incorporais, pedem passagem corporal nos corpos concretos ou materiais que chegam à educação física.

No primeiro capítulo – De que corpo trata a educação física – teço um panorama da encomenda profissional/institucional apresentada aos professores de educação física quando se enseja a sua atuação na saúde, tendo como fio condutor os estratos produzidos pelos diversos discursos sobre o corpo. Esta encomenda, em geral produzida pelos ideais de beleza, corpo saudável e corpo funcional, serve à problematização da inserção da educação física na saúde: fazer *na* ou *como* saúde uma intervenção externa à constituição de si que governaria a afirmação singular da vida? Educar o corpo para um desempenho acerca do qual o professor de educação física detém a melhor informação ou estabelecer o contato educativo com corpos que podem explorar aprendizados para as emergências de si na afirmação da existência inventiva da vida (produção da saúde)? O trabalho do professor de educação física, neste sentido, precisaria ser compreendido como um processo indissociável de trabalho-formação, exercer a profissão ao mesmo tempo em que explora e aprende qual ação profissional deve ser exercida.

No segundo capítulo – A caçada como método – apresento a metodologia da pesquisa, tendo como imagem condutora a caçada, movimento de acompanhar os acontecimentos, colocar-se à espreita, caçá-los ali no cotidiano das práticas do processo de trabalho-formação. Seguindo as pistas de Foucault sobre o acontecimento, busquei caçar movimentos-acontecimento que pudessem colocar em exercício o pensamento sobre o corpo, sobre o que pode dizer a educação física, relativamente ao corpo, para a saúde, quando

professores de educação física atuam não apenas na área de ciências da saúde, mas no setor de práticas da atenção à saúde. Utilizei nesta conduta de caça o anterior processo de trabalho-formação: da caça como educação permanente no/do trabalho para a caça como pesquisa na produção de conhecimento, servindo-me de sete *cadernos de formação*, documentos qualitativos do cenário espontâneo do trabalho.

No terceiro capítulo – O corpo dos corpos – apresento os movimentos-acontecimento da capoeira e do encontro com o mar para pensar a educação física como território de exploração dos corpos em devir, dos incorporais que pedem um corpo de existência no corpo concreto, material, uma compleição que pede atualidade no corpo concreto, material, para que possa existir e sentir, fazendo do corpo que temos o corpo que somos quando em afirmação de ser.

Na capoeira a presença de módulos de oficina em um Centro de Atenção Psicossocial (Caps) 24h, onde pude observar “corpos em movimento”, desde o mais sutil, como o transbordamento do olhar, até o mais desejoso de jogo e ginga entre usuários, trabalhadores e transeuntes no serviço de saúde mental. No encontro com o mar a experiência do acompanhamento terapêutico de um/a usuário/a em busca de seu próprio corpo ou corpo próprio. No banho de mar exercido sob a companhia do professor de educação física, a força de um encontro com um corpo que precisa existir, que imana sua a força de afirmação.

A partir da descrição destes dois movimentos pude compreender a necessidade de questionar a encomenda institucional realizada aos professores de educação física a respeito do corpo, para que outras práticas sejam possíveis. Ao suspender o conceito de o que é corpo, emerge o *corpo dos corpos*, nova superfície para nossas práticas. Um corpo que passa *entre* as práticas conhecidas da educação física e demanda uma educação física para corpos sempre em imanência, encontro com a vida em estado larvário, embrionário, ovo repleto das forças que permitem o recomeço, o devir do corpo.

Ao invés de prescrever o que deve um determinado corpo, antes de qualquer coisa, precisa-se acompanhar seus movimentos, caçar no cotidiano das

práticas a educação física demandada para a saúde. Coloco, assim, a conclusão, a suspensão do corpo como objeto à atividade física e saúde para acompanhar o seu devir. Não se sabe e não se pode saber de antemão o que é o corpo, eis a caçada da educação física e o território enunciado por esta pesquisa: deixar que o *corpo dos corpos* surja no encontro imanente que a educação física possa proporcionar nos serviços de saúde. Que um corpo humano possa se beneficiar de atividades físicas para a prevenção e tratamento de doenças, para a máxima funcionalidade em necessidades de deslocamento, estudo, trabalho e recreação e para a beleza sugerida pela sociedade do consumo e das imagens não colocamos nenhuma contradição, mas interrogamos sobre o corpo do qual queremos falar, saber, ajudar, promover em situação de produção da saúde. Educamos os corpos com práticas de educação física: que corpo desejamos educado? Corpos em movimento, corpos em forma, sob uma forma, em formação de si? Não emerge aqui nenhuma nova educação física, esta é uma dissertação em educação, que considera a educação física como prática pedagógica em saúde, o que se deixa aqui é o desafio educacional: trabalho-formação diante de corpos que não são pura forma, mas passagem de forças do corpo.

De que corpo *trata* a educação física?

Percebo-me em um local híbrido de atuação profissional, protagonizando papéis entrelaçados, porém distintos. Ora como trabalhador da assistência na atenção à saúde, ora como gestor de políticas em serviços de saúde, ora como estudante-pesquisador-docente ou, ainda, como ator político nos debates e produções em espaços coletivos de participação social. Isto não quer dizer indefinição ou falta de entendimento quanto ao papel social que cada território de atuação permite. O que ressalto é a articulação, a transição, o agenciamento, a habitação de um *entre* territórios, a composição de paisagens de trabalho-formação.

O campo do trabalho-formação, experimentado como arena de luta composta por práticas diversas, ao ser atravessado pela pesquisa, talvez possa fornecer ferramentas de análise de tais práticas, desnaturalizando-as e trazendo arejamento para o cotidiano em que estas acontecem. Nesse sentido, a formação “pode ser a criação de percurso, que se dá em meio a múltiplas forças” (ROCHA & AGUIAR, 2010, p. 69) e uma pesquisa-formação, pode se construir na direção de entender as relações “micropolíticas” que são postas em jogo em determinada cena, em determinado lugar, na construção de práticas que podem engendrar “corpos dóceis”, mas também fornecem meios para que os corpos exerçam sua potência, re-existam (FOUCAULT, 2001b). Dessa forma, a análise de encomendas profissionais/institucionais feitas aos professores de educação física

pode se configurar como uma ferramenta de intervenção nas práticas que constituem o objeto corpo.

Com Ceccim (2005), entendo que precisamos valorizar o espaço de trabalho como território em que as práticas são mais do que conquistas de experiência, surgindo como ensino-aprendizagem e processos de análise da produção de si e de mundos. Nessa direção, o local de trabalho não é apenas espaço de “aplicação”, é também espaço de resistência e criação. Neste contexto, “território” não esgota um espaço apenas físico ou geográfico, trata-se de “espaço de inscrição de sentido no trabalho, por meio do trabalho e pelo trabalho” (CECCIM, 2005, p. 983). Para que seja educativo, esse território precisa ser habitado por processos de aprendizagem que valorizem suas singularidades, assegurando atenção aos movimentos que ali acontecem e permitindo exploração sensível bem como construção de autonomia. Para tanto, parece ser necessário *maquinar* processos de trabalho capazes de espreitar a invenção no cotidiano das práticas. Em particular, estou recortando o modo de trabalho na saúde, cujo objetivo é o desenvolvimento de práticas de cuidado.

Como pensar o trabalho não dissociado do processo de formação? Como pensar a formação como fazendo parte do processo de trabalho? Como não dissociar produção de saúde e produção de subjetividade? Que práticas de cuidado estão sendo construídas? O conceito do “quadrilátero da formação” me parece útil, pois, força a pensar na articulação e no engendramento das forças que compõem o território do trabalho. Ao questionarem a imagem dos serviços de saúde que tendem a operar cindindo os processos de formação dos profissionais de saúde, Ceccim & Feuerwerker (2004) propõem a articulação entre Ensino, Gestão, Atenção e Controle Social. Os autores lembram que formar sempre foi muito diferente de informar. No entanto, caímos com facilidade na armadilha da isonomia entre formar e informar. Como escarpar? O que os autores estão dizendo é que não se faz educação do trabalho sem abrir o trabalho à sua revisão de sentidos. Para quê estamos no ambiente de trabalho? Por que um trabalho em equipe? Quais são os objetivos de um processo de trabalho? A educação não pode habitar o trabalho como aperfeiçoamento de

habilidades, deve movimentar as “culturas do trabalho”. Desse modo, os autores defendem uma formação que não enfoca apenas o trabalho, mas o desenvolvimento de práticas abertas à invenção de si e do mundo, inclusive do trabalho.

Analisar a encomenda institucional apresentada a mim, como trabalhador de educação física inserido na saúde, em particular numa rede de saúde mental, me parece um caminho interessante para a produção de um pensamento intempestivo sobre a formação e atuação dos professores de educação física na saúde. Entendo que, nas profissões de saúde, trabalho e formação localizam forças de configuração, estados conduzidos por fluxos de encontro, e não por objetos e objetivos *a priori* que retirariam do trabalho sua potência: invenção. Desse modo, sair de uma posição queixosa e refazer a agenda de trabalho às vezes pode ser o trabalho a ser feito, mas: “como nos deslocarmos das queixas para a construção de demandas?”. Com esta interrogação Rocha & Aguiar (2010, p. 71) nos tiram da passividade e desafiam nossa atividade no trabalho. A “atividade” deixa de ser o desempenho de habilidades práticas e automatizadas para ativação de processos invenção no cotidiano do trabalho, o que abre caminho para pensarmos em processos de formação que acontecem no próprio território do trabalho. Forma-ação e não fôrma-ação (BARROS, 2005).

Pensado desta maneira, o território de trabalho desponta como um “dispositivo”¹, em que vetores de subjetivação nos atravessam, forjando subjetividade e criando uma relação sujeito-objeto prevista e imprevisível. Ressalte-se que, para Foucault, o termo sujeito designa um correlato de práticas muito bem datadas e não um ser constituinte, autônomo e único. Cabe

¹ Dispositivo neste caso está sendo utilizado no sentido como aponta (DELEUZE G. , 1990, p. 1) “um composto de linhas de natureza diferentes”, compostas por “linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam, enquanto umas suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição” (DELEUZE G. , 1990, p. 4). Tais linhas não apresentam em um sistema homogêneo, antes um novelo de linhas que seguem direções diferentes. Segundo Deleuze (1990) para Foucault trata-se de “desemaranhar as linhas de um dispositivo (...) traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas”. Traçar a passagem de “linhas de estratificação ou de sedimentação e linhas de atualização ou de criatividade” (DELEUZE G. , 1990, p. 7).

questionar como nos tornamos sujeitos de uma determinada prática. Dessa forma, entender o espaço de trabalho como dispositivo de produção de subjetividades me auxilia na desnaturalização do objeto sujeito como ser constituinte, bem como ser constituído desde fora (determinado). Ao me questionar sobre as práticas no território do trabalho, observo a *movência* de sujeitos e objetos: nós mesmos, nosso fazer, nossos encontros, nossos aprendizados, nossos afetos etc..

Pensar o trabalho como um dispositivo é pensá-lo como espaço de luta, de jogo entre relações de forças, relações de saber-poder que engendram mundos e constituem sujeitos, objetos e conceitos. O mundo do trabalho é um espaço correlativo aos discursos e às práticas (DELEUZE G. , 2005/1986). Desmistificar os objetos naturais e tratá-los como correlatos dos ditos e das práticas, eis uma das tarefas da pesquisa, desarmar mundos dados para encontrar mundos se dando, acontecendo.

Interessa-me, pois, as práticas em educação física, inclusive discursivas, de um saber-poder-fazer que põe em evidência o corpo. Como tem se apresentado a encomenda sobre o corpo feita aos professores de educação física nos serviços de saúde? A partir do entendimento de que práticas da educação física podem fazer parte da constituição do trabalho em saúde, podemos nos questionar: de que modo o corpo tem sido considerado neste processo? Como os atores sociais da educação física inseridos nos serviços de saúde têm se posicionado frente às encomendas de intervenção sobre o corpo?

Há discursos sobre o corpo que não são produzidos apenas no bojo do território do trabalho. Eles estão dispersos em uma rede discursiva ampla que envolve estética, saúde, bem estar, alimentação, lazer, esporte, recreação e ginástica. Na medida em que essa trama discursiva engendra um objeto histórico-político muito bem datado, um “bibelô de época” (VEYNE, 2008), pode-se falar em “políticas do corpo”, mais do que de história do corpo, de antropologia do corpo, de biologia do corpo ou de atividade física. Dessa forma, a encomenda institucional/profissional a respeito do cuidado com o corpo nos serviços de saúde não se restringe nem se origina em um ponto central relativo à educação

física. Ao mesmo tempo em que ela aparece inscrita no discurso da saúde e do território de trabalho em saúde, ela ganha sustentabilidade a partir de sua ressonância ou desdobramento de discursos vizinhos, que constroem e articulam um de ideal de corpo e um ideal de saúde.

A encomenda do cuidado sobre o corpo é gestada *fora* da educação física, mas esta lhe confere um saber-poder-fazer e um território de trabalho. Dessa forma, a educação física participa da produção de discursos sobre o corpo, coadunando com a vontade de verdade sobre o mesmo.

Uma vez que os enunciados sobre o corpo são dispersos, a produção de discursos sobre o mesmo é um modo de organizá-lo e naturalizá-lo, uma forma de construir regimes de verdade sobre tal objeto. Nesse sentido, é que Deleuze (1998, p. 43) vai afirmar que o enunciado “é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos”. Sua dispersão é “uma emissão de singularidades, de pontos singulares que se distribuem em um espaço correspondente” (DELEUZE, 1986/2005, p. 15). O “discurso” é a contenção dessa dispersão em um “regime de verdades”.

Para Foucault (2001a), o corpo é a “superfície de inscrição” dos sujeitos que somos levados a nos tornar em uma determinada sociedade com valores e regimes de verdade. Que sujeitos e que corpos nos tornamos no contemporâneo das sociedades capitalista? Que sujeitos e que corpos poderíamos vir a ser se aí forem engendradas novas práticas?

Se é no interior de uma rede de práticas que se engendra um rosto específico para o objeto corpo saudável, podemos escapar da encomenda de produzir/sustentar tal rosto? Nós, profissionais de saúde, professores de educação física, podemos *maquinar* outros processos de trabalho, outros corpos, outras saúdes? Se sim, de que modo? Como produzir porosidade nessa trama de práticas instituídas, inclusive de práticas discursivas?

Estratos² corporais: notas acerca do corpo consumado e consumido

Desde o final do século passado, a relação do homem com as tecnologias da informação, com os meios de comunicação e com os processos de automação do trabalho produziu uma diminuição das atividades físicas diárias. Neste contexto, atividade física passa a ser entendida “como qualquer atividade músculo-esquelética que produza um gasto calórico acima do gasto basal” (WHO, 2010). Em pese o fato de que a longevidade se elevou, o que isto nos indica?

Em reportagem do Globo Repórter de 22 de outubro de 2010, o apresentador do programa começa com a seguinte *chamada*: “estamos sob uma ordem médica: mexa-se!”. O programa transcorre abordando diversos temas relacionados à prática de atividades físicas e ao sedentarismo, questionando como fazer para ficar *na linha*, sem necessariamente praticar esportes. A partir da fala de *especialistas*, na sua maioria professores de educação física e pesquisadores dos grandes laboratórios de atividade física do país, vão sendo lançadas dicas e programações neurolinguísticas para que as pessoas se tornem mais ativas em suas rotinas diárias:

Nossos gestos mais cotidianos, nossas atividades mais comuns podem ser o início de uma vida de atleta, claro que nossos movimentos do dia-a-dia não se comparam ao esforço de nenhum campeão olímpico, mas também significam calorias a menos na nossa dura rotina de correr atrás do prejuízo (...) Você

² Os estratos “são formações históricas, positivities ou empiricidades”, combinações entre o dizível e o visível. Cada estrato é assim composto por “maneiras de ver e formas de dizer” em que ocorre variação entre ambas e de sua articulação. Um saber é conformado por estratos heterogêneos, constituindo-se como um dispositivo que agencia enunciados e visibilidades (DELEUZE G. , 2005/1986, pp. 57, 58, 60).

dúvida? Então, preste atenção nas revelações deste aparelho... (GLOBO-REPÓRTER, 2010).

A narração em *off* é acompanhada pela exibição da seguinte variação de imagens: um homem levanta de uma cadeira em frente ao computador, *close* no seu gesto de pernas ao levantar da cadeira, transição para a imagem de uma mulher colocando a roupa na máquina de lavar, outra cortando os cabelos de uma cliente em um salão de beleza, enquanto ao fundo, outra senhora sobe e desce escadas para estender roupas no varal localizado na laje acima da sala. A cena volta para o senhor que embarca em um ônibus urbano, logo após desce do circular e começa a caminhar pela rua; pessoas caminham em uma praça, outras remam em uma lagoa, algumas fazem barra e correm pela areia da praia; alguém coloca açúcar em uma xícara de café; a cena retorna para o primeiro ambiente, uma biblioteca, e um aparelho é apresentado para dois funcionários: o primeiro senhor que havia levantado da cadeira e uma senhora aparentemente mais gorda:

Você dúvida? Então, preste atenção nas revelações deste aparelho, que é um sistema metabólico computadorizado. Ele pode medir quantas calorias gastamos em cada atividade, cada passo dado dentro de casa. Quem pesa mais, gasta mais, porque o esforço de carregar o próprio corpo é maior (GLOBO-REPÓRTER, 2010).

Dado produzido pela observação dos efeitos fisiológicos do organismo no gasto de energia para movimentar um corpo, mas que também reflete seu peso nas relações sociais dos obesos com uma sociedade que “a partir dos anos 1920 passa a nutrir uma franca aversão aos gordos”, fazendo com que emagrecer seja “uma tarefa bem mais pesada do que o seu próprio peso” (SANT'ANNA, 2001, p. 21). Além disso, os espaços da cidade não são destinados a acolher o corpo obeso, bem pelo contrário, a todo tempo lembram a todos do quanto o “peso a mais” é indesejável para que se possa fluir pela cidade, “gasta-se mais tempo

para olhar um gordo do que uma pessoa magra” (p. 21). O incômodo com a obesidade alia-se ao imperativo da velocidade e leveza. O lento e o pesado não têm lugar, atrapalham o fluxo dos corpos esbeltos e rápidos, atrapalham, enfim, a vida dos corpos ativos.

O estigma da gordura é uma construção social que desqualifica os sujeitos, na medida em que as pessoas atribuem juízos de valores pejorativos ao excesso de peso, identificando o gordo como preguiçoso e descontrolado. Há, nesse sentido, uma gestão da aparência nos processos de individualização do sujeito, na medida em que ele elege seu corpo, isto é, sua aparência, como um valor moral (MATTOS & LUZ, 2009, p. 494).

No mesmo panorama sócio-histórico em que a obesidade se torna um problema de saúde pública, a disseminação de discursos contra corpos obesos faz com que tais corpos se tornem abjeção, indesejáveis, anormais. Ao tratarmos a obesidade como um objeto *biopolítico* tramado no interior de toda uma rede discursiva, deixamos de entendê-la como produto apenas do *sedentarismo* e da *alimentação inadequada* de um *corpo individual*. Dessa maneira, podemos questionar que acontecimentos políticos foram necessários para que o corpo-obeso fosse socialmente produzido e passasse a ter um valor pejorativo na sociedade. Seria, ainda, possível questionar que práticas o objetivaram a ponto de ser passível de intervenção de saúde. De que processos sociais tais corpos são efeito?

Como assinala o antropólogo Marcel Mauss (1974, p. 217), “o corpo é o primeiro e o mais natural objeto técnico”, sendo ele ao mesmo tempo, “objeto técnico e meio técnico” pelo qual o homem desenvolve o conjunto de “técnicas corporais”. “Antes das técnicas por instrumentos, há o conjunto de técnicas corporais”, as quais devemos estar atentos em nossas pesquisas sobre o corpo (1974, p. 218).

Com Foucault, Veyne (2008, p. 254) lembra que é necessário compreender “que as coisas não passam de objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe”. Dessa forma, parece ser imprescindível dar visibilidade para o conjunto de práticas que objetivam determinados objetos e sujeitos. O autor alerta que a “ilusão do objeto natural dissimula o caráter heterogêneo das práticas” (p. 255). Trata-se então, de descrever muito positivamente as práticas sócio-históricas, suas modulações, articulações e efeitos, até o ponto em que no final do século passado a obesidade tenha se transformado um dos principais problemas de saúde pública.

Nessa direção, talvez seja interessante assinalar que, no mesmo panorama histórico-político que o corpo obeso aparece como um corpo não saudável, emergem preocupações com uma economia do gasto calórico e a simultânea propagação e manutenção de práticas de consumo de uma série de produtos que fazem justamente o contrário: acumular calorias. Um paradoxo parece, então, se apresentar: de um lado, estamos sob o efeito de uma ordem médica, que enuncia que devemos nos mexer, deixar de ser sedentários, sermos sujeitos ativos, possuindo corpos ativos. De outro lado, somos constantemente expostos às propagandas apelativas de um estilo de vida cada vez mais confortável, com aparelhos de todo tipo para nos *facilitar a vida* nas atividades mais simples, para que tenhamos o *mínimo de trabalho*. O que advém da habitação desse paradoxo? Que práticas o sustentam? Aqui cabe lembrar as propagandas da coca-cola, com seu discreto conselho, nos últimos anos, inscrito em tarja transparente, com letras em formato pequeno, quase ilegível: para ter uma vida saudável, consuma coca-cola, mas “pratique exercícios físicos regularmente”! Ter um corpo saudável só depende de você!

Em nossa sociedade, o corpo ativo desponta, assim, como a norma da qual o corpo obeso parece indicar a fronteira a não ser ultrapassada, sob pena de nos tornarmos corpos não saudáveis, inaptos ao trabalho, feios. “Nos processos de difusão dos padrões de beleza atuais, a gordura é reconhecida como algo fora do lugar, como uma ameaça à ordem” (MATTOS & LUZ, 2009,

p. 495). Nesse panorama, todos e tudo, a todo o momento, vão nos lembrar deste imperativo: Seja Ativo! Alimente-se bem! Corra! Pratique atividades físicas! Tenha um corpo saudável!

Ter o corpo previsto pela sociedade de consumo ajuda em sua inserção no fluxo das relações sociais programadas. Bauman aponta que passamos de uma sociedade eminentemente de produtores para uma sociedade de consumidores, em que, inclusive, as *pessoas* são transformadas em *mercadorias* a serem *consumidas* (BAUMAN, 2008). Nesse cenário, o próprio corpo passa a se inscrever no rol dessas mercadorias.

Investir na veiculação de um estilo de vida saudável não só regula a saúde dos corpos individuais e da população, “corpo de múltiplas cabeças” (FOUCAULT, 2001a) bem como regula a economia, fazendo movimentar um mercado que oferece os produtos relativos ao estilo de vida proposto e ao ideal de corpo a ele relacionado. Segundo Bauman (2008), “o consumismo para o mercado tem uma receita para a inconsistência, imperfeição para uma mercadoria mal escolhida: a troca de uma mercadoria defeituosa ou imperfeita e não plenamente satisfatória, por uma nova e aperfeiçoada” (BAUMAN, 2008, p. 31). A troca de um corpo *defeituoso* por outro segundo e seguindo os ditames flexíveis do mercado. A troca de um corpo gordo e dos *maus* hábitos a ele relacionados, por um corpo magro, *bem comportado*, suado pelo consumo de produtos associados a tal estilo de vida ativo.

Desse modo, entre as maneiras de enfrentar a insatisfação e mudar de corpo, “a principal delas é descartar objetos que as causam”. É preciso que o indesejável seja remanejado, sendo o próprio descarte das mercadorias indesejáveis uma oportunidade de consumo. Consome-se, assim, serviços e produtos responsáveis pelo descarte do que é indesejado:

(...) gordura corporal, rugas faciais, acne, odores corporais, depressão pós-isso ou pós-aquilo, (...) [os] montes de fluidos misteriosos ainda sem nome ou então (...) [os] restos indigestos de antigos banquetes

que se estabeleceram dentro do corpo de forma ilegítima e não sairão a menos que extraídos à força (BAUMAN, 2008, p. 53).

E assim vende-se a promessa de que corpos obesos podem se tornar aptos, normais e saudáveis consumidores. Assim, corpos correm desesperadamente atrás de seu duplo *perfeito* jamais alcançado, incompletude motor do consumismo. Corpos que desejam se coadunar com o ideário do *fitness*, buscam sempre mais, um *plus* de saúde (BAUMAN, 2008). Corpos são constantemente melhorados, modelados, modificados para serem, de novo, nivelados, normalizados. Corpos consumidores, consumidos.

Na prevalência da obesidade e da hipertensão como relevantes problemas de saúde pública, as atividades físicas e os exercícios físicos têm sido considerados como principais medidas de prevenção e tratamento. Conforme as informações da Organização Mundial da Saúde (fevereiro de 2010), a cada ano morrem no mundo “cerca de 2,6 milhões de pessoas devido à obesidade e sobrepeso, argumentando a evidência de uma epidemia mundial” (WHO, 2010). A OMS convocou, então, os governos, associações internacionais, sociedade civil, organizações não governamentais e o setor produtivo para elaborarem estratégias de controle da obesidade. Em 2004, a OMS lançou a estratégia mundial sobre Regime Alimentar, Atividade Física e Saúde, com o objetivo de fomentar projetos e políticas de estímulo à alimentação saudável e ao aumento das atividades físicas, com a expectativa de diminuição dos índices de obesidade e sobrepeso da população mundial.

Nesse panorama, as questões relativas à obesidade e à hipertensão têm sido tratadas como passíveis de intervenção dos profissionais de saúde e controladas por estratégias de promoção da saúde, centradas no estímulo da população para a aquisição de hábitos de alimentação saudável e para realização de atividades físicas e exercícios físicos regulares.

No Brasil, no final do séc. XX e início do séc. XXI, as estratégias de promoção da saúde voltaram-se para práticas de atividades físicas e exercícios

físicos, como estratégia de combate ao sedentarismo e o agravamento das doenças crônicas-degenerativas, a exemplo, do programa Agita São Paulo. Tais estratégias se ocuparam da disseminação da “mensagem da vida ativa”, sem necessariamente, promoverem espaços regulares de práticas ou acompanhamento de atividades físicas (FRAGA, 2006). De acordo com Fraga (2006), as recomendações sobre a intensidade e periodicidade das atividades físicas como fator de proteção à saúde vêm sendo produzidas por entidades internacionais de informação e pesquisa como o *Centers for Disease Control and Prevention (CDC)*, o *American College of Sports Medicine* e pela *American Heart Association*. Tais recomendações são adotadas por entidades ligadas à promoção da atividade física voltada à saúde. Dessa forma, o Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafisc) e as Organizações Pan-Americana (Opas) e Mundial (Oms) da Saúde passaram a utilizar “estratégias que visam inocular na população a nova crença físico-sanitária” de que atividade física é saúde, como apontam as pesquisas a respeito da circulação desta “mensagem da vida ativa” (FRAGA, 2006; FRAGA et al., 2009).

Hoje parece evidente que devemos praticar esportes, realizar atividades físicas e fazer exercícios físicos sob acompanhamento médico e de professores de educação física. A *palavra de ordem* é a de que deve haver a prática sistemática de, no mínimo, 30 minutos de atividade física, que pode ser fracionada em três vezes por semana. E o mais importante é que todos saibam desta informação.

Em seu livro “Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa”, Fraga (2006) aponta a tendência internacional de se justificar o problema da inatividade física pela falta de informação da população acerca da atividade física. Isso *obrigaria* que a mensagem da vida ativa entrasse em circulação.

A partir do deslocamento do *exercício da informação* para a efetiva promoção e acompanhamento dos exercícios físicos e práticas corporais, já num deslocamento de tais estratégias de controle para o desenvolvimento de políticas de promoção da saúde, se poderia arriscar dizer que é colocada em cena a atuação direta dos professores de educação física como agentes responsáveis pela

prescrição e orientação das práticas corporais/ atividade física e exercícios físicos, mais especificamente, em Programas que promovem e acompanham usuários em tais atividades. Mediante à encomenda de efetivação da mensagem da vida ativa, convoca-se um *novo* ator social à participação no Sistema Único de Saúde (SUS): o professor de educação física. Mas parece haver uma diferença significativa entre o controle *biopolítico* das campanhas de mensagem da vida ativa, que apenas disseminam a ordem físico-sanitária da atividade física, como nos aponta Fraga (2006), e a oferta de programas de promoção de saúde que produzem condições para que haja efetivamente um acompanhamento dos usuários em suas práticas corporais. Tal diferença parece ser gerada no encontro entre os envolvidos no processo de cuidado: usuários, trabalhadores e gestores com as redes de atenção à saúde, *entre* o que se apresenta como demanda e como os usuários e professores educação física se relacionam com ela.

Fomentando a promoção de hábitos de vida ativos e saudáveis, a cidade de Aracaju a partir do ano de 2004, *importou* da cidade de Recife/PE a proposta de uma Academia da Cidade, que tem por objetivo desenvolver o hábito de atividade física e exercício físico em locais públicos da cidade. Apesar da sua localização institucional ser na Secretaria Municipal de Saúde, junto ao Programa de Vigilância de Doenças e Agravos Não-Transmissíveis (Dant), a orientação do trabalho foi desenvolvida pela parceria com Universidade Federal de Sergipe (UFS), por meio do Núcleo de Pesquisa em Atividade Física de Sergipe (Nupafise), que operacionalizava o programa, escolhendo os professores de educação física e os protocolos de avaliação física. Mais recentemente, a cidade do Rio de Janeiro (2009/2010) lançou o Programa Academia Carioca. Levando em conta as experiências anteriormente citadas, instalou equipamentos de exercícios e atividades de maneira articulada às unidades básicas de saúde, cabendo ao professor de educação física a orientação supervisionada de práticas e a indicação dos parques da cidade.

No que se refere à formação dos professores de educação física para atuar no SUS, têm ocorrido algumas mudanças formais nas diretrizes curriculares, ainda com poucas disciplinas direcionadas à atuação no SUS, sendo relegadas no

currículo como disciplinas optativas. No que tange à pós-graduação no âmbito da especialização, duas áreas têm ofertado vagas para a educação física na saúde, a saber, os Programas de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Família e em Saúde Mental. Na rede de Atenção Básica à saúde, a inserção de professores de educação física tem estado ligada a projetos de extensão universitária ou aos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (Nasf), ou eventuais programas de Promoção da Saúde. Registre-se também a presença de tais profissionais em hospitais gerais (em serviços de recreação terapêutica), principalmente, nas unidades de pediatria, oncologia, saúde do trabalhador, fisioterapia e psiquiatria. Ressalte-se que pontos regulares de atuação dos professores de educação física na saúde têm sido as redes de atenção em saúde mental, inicialmente, em clínicas e hospitais psiquiátricos (em serviços de recreação terapêutica) e, atualmente, nos Centros de Atenção Psicossocial (Caps).

Qual encomenda é apresentada aos professores de educação física ao serem chamados para atuar na saúde? Que demandas são solicitadas pelos serviços de saúde e pelos usuários? O que esperam de sua atuação/intervenção? Como tais profissionais respondem a tais encomendas?

Em seu trabalho de dissertação, “Educação Física e Saúde Mental: uma prática emergente em Centros de Atenção Psicossocial (Caps)”, Felipe Wachs (2008, p. 77) apresenta a seguinte questão: “O que se faz em nome da educação física no contexto específico do Caps?”. A análise documental por ele realizada discute aproximações da educação física com o campo da saúde mental. Tal análise foi construída a partir das seguintes fontes: relatórios finais das três Conferências Nacionais de Saúde Mental, ocorridas até então, respectivamente, nos anos de 1987, 1992 e 2001; manual sobre os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), elaborado pelo Ministério da Saúde; artigos acadêmicos disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (Bvs); além da busca por artigos, dissertações e teses de revisão a partir do tema das políticas públicas em saúde mental.

Uma das constatações do autor foi que “a produção acadêmica acessada, curiosamente, está distante dos debates da Reforma Psiquiátrica” (WACHS,

2008, p. 49). No que diz respeito aos trabalhos científicos, a maioria apresenta abordagens em “uma linha biofisiológica psiquiátrica”, realizam pesquisas experimentais na busca por possíveis melhoras em determinados quadros diagnósticos. Tais estudos têm, sobretudo, um caráter tecnicista, em que se procura elaborar um protocolo de atividades para a consecução de um determinado objetivo (p. 70).

A partir da análise das Conferências, o autor destaca que, na I Conferência Nacional de Saúde Mental, ocorre a solicitação de que os serviços sejam atendidos por uma equipe multiprofissional e que seja considerada a participação dos usuários na escolha dos profissionais. Tal solicitação talvez tenha possibilitado “uma primeira margem para que profissões não hegemônicas ocupem espaço nos serviços de saúde mental de acordo com as demandas [dos usuários]” (WACHS, 2008, p. 51). Ainda nesta Conferência, o brincar aparece como garantia no cuidado para as crianças e adolescentes. Wachs ressalta que este pode ter sido um ponto de acesso da educação física na saúde mental, “já que o brincar pode ser considerado uma das práticas das quais a educação física (...) detêm [habilidade profissional]” (p. 51).

Na II Conferência, dois marcos conceituais buscaram se firmar, integralidade e cidadania. A partir do conceito de integralidade “parecem surgir importantes entrelaçamentos entre educação física e saúde mental” (WACHS, 2008, p. 54). Na formação de equipes multiprofissionais, a introdução de algumas práticas ditas *outras*, como a dos esportes, passou a deslocar o papel dos professores de educação física de figurantes para o de protagonistas. Na orientação pela desinstitucionalização, ao lado dos professores de educação física, outros profissionais entraram em cena, protagonizando ações de reinserção social. Destaque-se aqui o trabalho dos oficinairos, tanto que, ao analisar o manual do Caps, o autor salienta que “as oficinas terapêuticas são deslocadas para uma função protagonista” (p. 54). No relatório da III Conferência Nacional de Saúde Mental, há uma valorização das práticas desportivas, atividades recreativas, culturais e de lazer, nos bairros, parques e ambulatórios de saúde

mental o que também contribui para o fortalecimento da atuação de tais profissionais na arena da saúde mental (p. 58).

A análise realizada no Manual dos Caps aponta que a presença dos professores de educação física não é obrigatória na equipe multiprofissional. Porém, esta deve ser assegurada quando o projeto terapêutico recomendado, de alguma forma, solicita a intervenção da educação física.

Durante o seu campo de pesquisa, Wachs (2008) acompanhou atividades desenvolvidas por professores de educação física de três Caps na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Em uma das situações descritas, o autor relata que, ao se despedir da oficina de dramatização, perguntou aos usuários sobre o que eles achavam da educação física no Caps. A resposta de uma usuária surpreendeu: “seria bom se tivesse educação física” (Wachs, 2008, p. 95). A partir desta situação vivenciada pelo autor, ele realiza uma discussão a respeito de como os usuários percebem as atividades desenvolvidas pelos professores de educação física no Caps. Os usuários não reconheciam a oficina de dramatização como sendo uma atividade do campo da educação física. Wachs ainda questiona “se aquilo que o professor de educação física faz no Caps” pode ser considerado como sendo *educação física* (p. 95). Que práticas de saúde realizadas num serviço como Caps são concernentes ao núcleo profissional da educação física?

Da minha inserção na rede de saúde mental da cidade de Aracaju, destaco algumas cenas complexificadoras dessa pergunta então formulada. Em reunião de equipe de um dos Caps que compõe tal rede, durante a apresentação de um projeto de *educação física*, profissionais de terapia ocupacional e de psicologia teceram alguns questionamentos ao meu trabalho como professor de educação física. Perguntaram o que eu faria se, durante o trabalho com o corpo, alguém chorasse. As argumentações eram colocadas de tal forma que a resposta que eles desejam ouvir parecia ser a necessidade da presença de um psicólogo para qualquer atividade com grupos, porque mobilizadora de questões *subjetivas* e processos *íntimos*. Questionaram, ainda, se, ao propor atividades nas reuniões de equipe enfocando o corpo, eu não estaria fazendo dinâmicas de grupo ou

grupos terapêuticos. Ou seja, se eu não estaria exercendo atividades reservadas à outra categoria profissional específica.

O curioso deste momento foi que uma das pessoas que se contrapuseram, alegando que tais questionamentos eram uma forma de reserva de mercado de alguns núcleos profissionais, o que ia de encontro à proposta de um trabalho interdisciplinar, foi um médico psiquiatra. Este prosseguiu assinalando que os trabalhadores estavam sempre reclamando de que não tinham nenhum investimento em atividades como as que estavam sendo propostas e, quando estas apareciam, achavam uma porção de empecilhos.

Liberando linhas de fuga: o corpo numa *nova* oferta da educação física

Tanto, como relatou Wachs (2008), o não reconhecimento da usuária da oficina de dramatização como uma atividade passível de ser considerada como de educação física, quanto o estranhamento de alguns membros da equipe de saúde mental da rede de Aracaju frente à minha oferta de trabalho parecem apontar que há uma diferença entre a encomenda institucional/profissional a que os professores de educação física são convocados e as demandas que emergem do encontro entre usuários, trabalhadores e gestores no território do trabalho em saúde.

Ao término de sua pesquisa, Wachs (2008) pôde constatar que a inserção dos professores de educação física no Caps produz uma educação física que “emerge do Caps” em contraposição a uma educação física “imposta no Caps”. Tal constatação vai ao encontro da afirmação de Lourau (1993, p. 7) de que “todo novo espaço de saber entra em contradição com o saber então instituído”. Dessa forma, o estranhamento da oferta faz parte do encontro entre as demandas que originam as encomendas institucionais e o que se faz com elas. Isto é, com a produção de uma oferta que, a partir dessas demandas, ousa problematizá-las, o que passa por questionar tais encomendas, perturbando as identidades profissionais e convocando, quem sabe, práticas transdisciplinares.

Os discursos sobre o corpo costumam compor as encomendas institucionais/profissionais feitas aos professores de educação física, informando o *para quê* intervir no corpo. Que corpo e que saúde se intenta produzir a partir do campo de saber-poder-fazer da educação física?

Aqui, questionamos a encomenda institucional/profissional que é feita ao professor de educação física: produzir práticas de adestramento e controle dos corpos, por meio da prescrição de atividades físicas voltadas para a conquista ou recuperação da *saúde*; bem como de exercícios físicos para a conquista de uma vida ativa que assim se afirma não porque se invente ou reinvente, mas porque se pratica atividades físicas regulares. Por meio de tal questionamento, pretendemos romper as regras do corpo para escutá-lo em fluxos de re-existência e acontecimentalização (Foucault, 2001, 2001a).

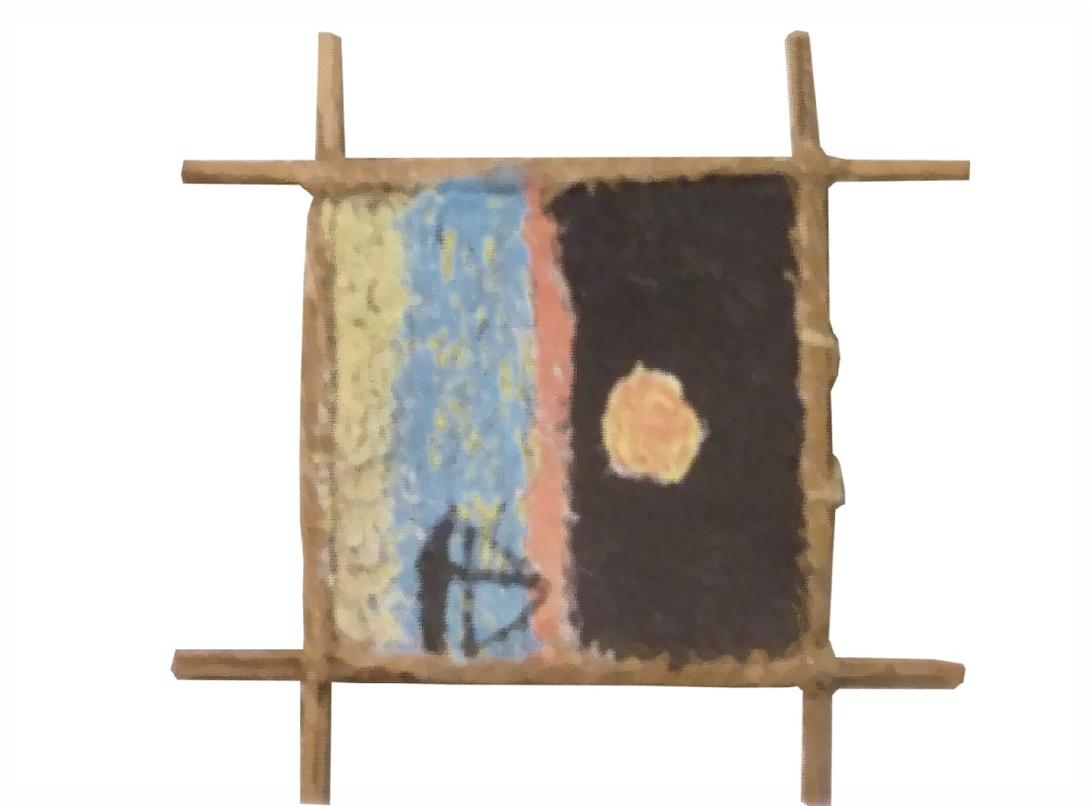
A educação física qualifica certos corpos em detrimento de outros. Corpos que emergem de treinamento mais que corpos que emergem das nascentes do corpo (a realização do viver), corpos saindo de corpos, devindo outro. Não podemos negar o caráter de disciplinamento dos corpos exercidos pelos professores de educação física. Toda via, há como re-existir a partir de nossas práticas, mesmo que implicados com elas. Nos valendo dos recursos de encontro com o corpo disponibilizados pela educação física, há como nos desprendermos do corpo da forma. Há como *maquinar* uma linha de fuga da educação física para seguir sendo educação física.

Nessa direção, para além de analisar qual encomenda a saúde mental está fazendo para os professores de educação física, pretendo tematizar o que a educação física pode fazer com o corpo no cuidado em saúde mental. Desse modo, nesta dissertação, o corpo, em seus processos tanto de captura como de re-existência, aparece como fio condutor das análises. Para a presente pesquisa, interessou-me, principalmente, pensar como práticas de educação física podem intervir de modo a perturbar a encomenda biopolítica de controle dos corpos e, ao invés disso, seguir e fortalecer movimentos de acontecimentalização dos corpos (Foucault, 2001a; 2001b).

Desse modo, entender-se-á aqui o corpo como imanência e o trabalho com o corpo como margem ou passagem de forças em cada corpo. Corpo como potência de corpos que somente serão sabidos e experimentados na medida em que se engendrarem. Corpo que ousa perturbar as práticas generalizantes de especialismos dilacerantes e prescritivos. O corpo de que aqui se fala não coaduna ao rosto hegemônico e nivelador de um corpo saudável a ser consumido nas prateleiras sempre fartas do mercado. Falo de um corpo produzido por práticas de singularização que, em certos momentos, emergem na cena instituída, ganham possibilidade de emergência e territorialização, acontecem, superando *regularidades* por linhas de afirmação. Somente saberemos de cada corpo quando o corpo dos corpos puder se corporizar em um movimento de atualização das virtualidades do corpo.

A partir de tal entendimento, ao invés de dizer o que necessita o corpo dos usuários com tal ou qual diagnóstico, prescrevendo tal ou qual atividade, talvez possamos suspender certezas de educação física e disponibilizar educação física: oportunizar práticas corporais que trabalhem justo a potência dos corpos ao invés de vampirizá-los. Que corpos pedem ao corpo passagem e existência?





Quando o b'arco se torna arco, inicia-se uma caçada

A caçada como método

Para a presente experimentação de pesquisa, uma imagem me salta, me afronta, me (de)compõe: o caminho investigativo se encarna como o percurso de uma caçada. Numa caçada, a atenção e o foco estão direcionados para a caça. No entanto, por mais que tenha o objetivo de caçar, não se tem certeza do que se vai encontrar. Qual é a caça? A caça não é animal inocente, uma presa à mercê de um caçador. Caça e caçador compõem uma mesma figura, em que ambos se agenciam, se co-engendram, se metamorfoseiam no jogo da caçada.

O estranhamento sempre encarna o caçador, numa relação de tensão e relaxamento frente ao fascínio de encontrar o novo, ao mesmo tempo desconhecido. Desse modo, encontra-se sempre atento ao seu corpo, ao corpo do outro, aos corpos que se fazem outros, inclusive, o seu próprio. O caçador coloca-se, assim, à espreita, forjando uma espera atenta, povoada de movimento. Mesmo que conheça o território em que caça, este nunca é o mesmo, está sempre em movimento. Rastros, pistas, odores e pegadas silenciosamente o fazem mover-se *pela mata*. O caçador, para caçar, precisa estranhar o seu território, seu próprio cotidiano.

Sigo a imagem da caçada como exercício do pensamento, pelo seu agenciamento entre corpos, corpos do caçador e da caça, corpos da mata e na

mata, corpos das árvores, da terra, das águas. Caçar é jogo, relação de forças que compõem encontros entre diversos corpos, em que cada um se expressa enquanto força, pulsão, vontade de afirmação. Descolado da forma-humana caçador, o corpo que caça pode ser um animal, uma planta ou um homem, corpos-fluxo em movimento. Corpo que caça outros corpos, que caça o outro do corpo. Caçada que se dá por entre vertigens, devires, derivas. Corpos em agenciamento pela caçada.

A pesquisa-caçada objetiva acompanhar esses processos corporais em curso, seguir o que acontece no terreno pesquisado. Para tanto, o caçador-pesquisador precisa experimentar uma atenção à espreita, por meio da qual consiga ver os acontecimentos. Dessa forma, sua tarefa parece ser cartografar o território, seguir rastros, linhas e fluxos, colocando em “suspensão” a costumeira posição de se posicionar em campo a partir de perguntas a *priori*, com as quais se quer representá-lo. Ao invés disso, é no encontro com o campo que as perguntas saltam bem ali no caminho que também está acontecendo (KASTRUP, 2007).

Qual a *grande* pista do método da caçada? Aqui, nessa pesquisa, o que caço? Qual seria a caça?

Em “O velho e o mar”, Santiago é um velho pescador, caçador dos mares, que, depois de 84 dias sem pegar um peixe, fiska um enorme espadarte que lhe arrasta para o mar aberto. Inicia-se aí sua luta. No seu retorno com a caça é atacado por diversos tubarões. Depois de vários combates, restou-lhe apenas o esqueleto do grande espadarte, que o caçador-pescador levou consigo de volta à terra firme. A jornada teria sido em vão? O personagem de Hemingwai (1952/2009) não encontra um peixe qualquer, mas um peixe-acontecimento. Algo *tão grande* que lhe tira da rota, arrancando-lhe para o grande mar. Quando de venho Santiago? Que trilhas me levam ao encontro com o grande mar? Que matas escondem o espadarte? Caçá-lo com que armas?

Nas trilhas de uma caçada: corpos abrindo passagem

Que “condições de possibilidade” abriram passagem para esta pesquisa? Ao optar pelo termo “condições de possibilidade”, o que pretendo é assumir o desprendimento de uma análise que se remeta a um sujeito constituinte, dono de uma pergunta reta, de objetivos claros, de um percurso e de um resultado já previstos. O “sujeito” dessa produção, o autor em primeira pessoa, é/foi constituído numa “trama histórica” (FOUCAULT, 2001a, p. 7). Nesta trama, por entre jogos e lutas, gestou-se uma função sujeito-pesquisador.

Ainda estudante de graduação em educação física (na Universidade Federal do Rio Grande do Sul), meu contato com o trabalho em saúde se iniciou. Tive a oportunidade de integrar o projeto de Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS/Brasil), dirigido a estudantes de graduação de todas as profissões da área científico-profissional da saúde. Tal projeto foi desencadeado pelo Ministério da Saúde no ano de 2004, numa iniciativa do professor Ricardo Burg Ceccim, então gestor no Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Traduziu-se num importante espaço de articulação com o movimento estudantil da área da saúde.

Fui estudante *participante* nessa primeira edição nacional e estudante *facilitador* na edição seguinte, realizada em 2006. Esse entremeio formação-trabalho marcou-me com intensidades que ainda fazem meu corpo vibrar. Imerso no SUS durante 15 dias, circulando pelos seus serviços, encontrava-me fascinado pelo que nele estava funcionando *bem*. Vivenciando o SUS, seus desafios e limites, podia ver que “o SUS pode dar certo”.

Tal visão se chocava com as marcas de minha memória: lembrava-me de experiências anteriores, em que, por exemplo, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, acompanhava minha mãe nas *infundáveis* filas do setor previdenciário por obtenção de consultas no posto de saúde de minha cidade

natal. Esse choque entre a vivência no VER-SUS e minhas marcas-memórias mobilizou meu desejo de trabalhar no SUS. Queria participar de sua construção, para que ele desse certo, para movimentá-lo, para se construir *um SUS para todos e para cada um*. Dentre outras coisas, parecia-me que era preciso que a formação dos profissionais de saúde visse o SUS, convocando tais trabalhadores a vivenciá-lo... Perguntava-me se a formação em educação física contemplava tal demanda e quais seriam as armas-ferramentas do professor de educação física para o trabalho no SUS, qual seria a tarefa-interferência da educação física?

Também durante a graduação, os contatos com o SUS se adensaram mediante minha participação em estágios na Recreação Terapêutica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS e no Programa Saúde da Família do Centro de Saúde Modelo, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Neste Centro desenvolvi a pesquisa de meu trabalho de conclusão de curso.

Após me formar, em 2006, projetava a continuidade de meus estudos a partir da possível inserção numa Residência Integrada Multiprofissional em Saúde, supondo as áreas de Saúde Mental ou de Saúde da Família que ofereciam vagas para graduados em educação física. Recém-formado, saí em busca de um território híbrido entre trabalho e formação, em que eu pudesse experimentar no SUS práticas de educação física. Por meio da residência, almejava uma formação complementar que articulasse interdisciplinaridade e atenção à saúde. Pensava em poder operar a saúde da promoção/afirmação da vida, não somente a das assistências reabilitadoras, agenciando corpos nascentes e não preparando corpos sob padrões disciplinadores. Desejava experimentar um trabalho de equipe em que a prática assistencial fosse prática de exigência inventiva da alegria.

Eram poucas as residências integradas multiprofissionais no país e raras aquelas que ofereciam vaga para professores de educação física. Uma delas era a da Escola de Saúde da Família Visconde de Sabóia, da Prefeitura Municipal de Sobral, Estado do Ceará. Foi atrás desta *oportunidade* que, dez dias após minha formatura, saí, de carona com uma professora e um professor de educação física,

acompanhado de sua mãe, em direção ao nordeste.

Antes de sair em caça por paisagens nordestinas, ganhei um caderno-diário de presente de formatura da equipe com quem estagiei no Centro de Saúde Modelo. No percurso, inúmeras paradas por cidades desconhecidas. Durante todos os dias de estrada, escrevia um pouco das sensações que vivenciava ao conhecer cada cidade, cada vilarejo. Escrevia também sobre sensações de espera por uma prova de seleção que não acontecia. Numa trilha incerta que foi acontecendo, um mapa foi se construindo. Mapa vivo, de encontro com histórias, lugares, pessoas, sotaques, cores, odores, sabores, dissabores, com novos desenhos do SUS que abriam passagem para a necessidade de tracejar uma cartografia. No caderno, os apontamentos dizem de um estranhamento desse desconhecido em que você mesmo vai ganhando novas cores, texturas, contornos, formas...

Passado um mês, esperando fisgar meu peixe-acontecimento, cheguei à cidade de Aracaju, onde uma amiga gaúcha estava morando. Eu pretendia visitá-la e por lá aguardar a abertura das inscrições para a seleção da residência em Sobral, mas aí fui lançado ao “grande mar” do acaso, dos acontecimentos (HEMINGWAY, 1952/2009).

Depois de uma semana de chegada na cidade, entrei exploratoriamente em contato com a Secretaria Municipal de Saúde. Com o objetivo de observar que práticas corporais ali se engendravam para o cuidado com o corpo, principalmente, por meio da intervenção de professores de educação física, agendei algumas visitas à Rede à Atenção Básica à Saúde, à Rede de Atenção Psicossocial e ao Programa Academia da Cidade, programa que promovia práticas de atividade corporal e exercícios físicos para usuários do SUS. Em Aracaju, ocorria um importante movimento de transformação do modelo assistencial, cujo objetivo era desenvolver um sistema de atenção integral à saúde. Nesta paisagem, minha memória destaca dois dispositivos: a estratégia de acolhimento nas unidades de saúde, experimentando-se, inclusive, acolhimento coletivo e as ações intersetoriais, em particular, as ações de articulação entre rede

de saúde mental e rede de atenção básica à saúde. Ao me inserir na rede, experimentando agora um VER-SUS informal, meu desejo de mais educação formal (fazer a residência) foi se modificando, abrindo passagem para o desejo de trabalhar na rede de saúde aracajuana.

Durante uma visita ao Centro de Educação Permanente em Saúde, encontrei-me com um arte-educador, trabalhador de um Caps 24hs. Ele me convidou para ocupar sua vaga de trabalho, pois estava saindo para um cargo de gestão. Ao conversar com a coordenadora da rede de saúde mental do município sobre esta demanda, devolvo uma oferta: o Projeto Movimentos. Nesse movimento, caio na rede. Agora, me restava prosseguir caçando, ainda que, às vezes, como caça. Da caçada à formação, uma caçada ao trabalho, fui caçado por um desafio. Constituo um território de trabalho-formação e a caçada da educação física na saúde. Empreendo uma caçada pela pesquisa e pós-graduação e me pergunto sobre a caçada como método.

Armas para uma caçada

Caçar exige paciência. Uma pesquisa-caçada, que se quer pesquisa à espreita por acontecimentos, solicita aprendizagem de uma atenção que pede por:

um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em

que eles não aconteceram (FOUCAULT, 2001a, p. 15).

O que é, entretanto, um acontecimento? Como caçá-lo? Onde espreitá-lo? Não se trata de uma mera seleção de fatos que, em um dado campo de pesquisa, representem uma continuidade histórica do tema em questão. Quando se quer encontrar acontecimentos, há que se acompanhar descontinuidades, rupturas, momentos de bifurcação, entendendo-os como parte da história e não como algo que manche a aparente retidão histórica. É justamente neste sentido que Foucault (1969/2007) apresenta o termo acontecimento: como uma novidade ou como uma ruptura histórica; como uma mudança na conformação das relações de força em jogo, que faz com que algo emergja sem respeitar a dinâmica pré-estabelecida, invertendo o jogo de relações de força, alterando uma regularidade para outra qualquer regulação.

Nesse sentido, o acontecimento está sempre em movimento no jogo entre as forças, sendo entendido como desdobramento de um combate entre relações de poder e focos de resistência. Desse modo, juntamente com a descrição dos movimentos de um determinado discurso sobre o corpo – que dita um cuidado de tal ou qual forma, que seleciona e cria disciplinas específicas para cuidá-lo, momentos e locais adequados, enfim, formas de legislar sobre o corpo –, o pesquisador pode se colocar na “curva dos acontecimentos”, tal como sugere Foucault: “o problema não é mais a tradição (...), mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos” (FOUCAULT, 1969/2007, p. 6).

Em última análise, a presente pesquisa deseja *caçar* acontecimentos. Uma pesquisa-caçada objetiva, assim, efetuar um corte, uma seleção nas linhas de força que compõem o complexo de poder-saber sobre o corpo. A partir deste corte, os acontecimentos podem ganhar destaque, justamente pela sua capacidade de inversão nas relações de poder-saber até então estabelecidas.

Na caçada por acontecimentos, segui as pistas de Kastrup (2007), experimentando as quatro variedades de atenção cartográfica que a autora propõe: o Rastreio, o Toque, o Pouso e o Reconhecimento Atento.

1) O rastreio.

Sem focar de início a atenção, o rastreio é uma varredura pelo campo de pesquisa, um gesto de se colocar à espreita, suspender as certezas e lidar com metas em variação contínua, em que o “importante é a localização de pistas, de signos de processualidade” (KASTRUP, 2007, p. 18). Rastreando margens de acontecimentos, localizei a paisagem em que se desdobraria minha caçada, bem ali no ponto de articulação entre o meu trabalho como gestor na rede de saúde mental de Aracaju/SE e a realização da pesquisa de mestrado: caçaria acontecimentos no material que eu havia registrado³ ao longo de meu trabalho-formação.

O material empírico da pesquisa foi, assim, composto por tais registros, os quais se encontram descritos em sete cadernos. Cada caderno tem tamanho pequeno, formato 140x202mm, 96 folhas. Os registros versam sobre o dia-a-dia do meu processo de trabalho, contendo, desde agendas de atividades realizadas e pautas de reuniões, até a descrição de cenas disparadoras de discussões. Tais apontamentos se deram durante a realização do Projeto Movimentos, que elaborei e coordenei como ator social da educação física, gestor da Rede de Atenção Psicossocial (Reap) de Aracaju. Tal projeto foi transversal e transdisciplinar, desenvolvido no período de abril de 2007 a fevereiro de 2009. Teve como finalidade produzir, na rede de saúde mental e suas interfaces, *espaços coletivos de ação e de discussão acerca da temática do corpo*.

³ O registro do cotidiano foi um hábito adquirido durante a graduação em educação física, na disciplina de Prática de Ensino. Hábito reforçado pelo processo de formação no VER-SUS/Brasil e pela inserção no campo profissional como trabalho-formação. Foi entendido e experimentado como arma importante para a caça de acontecimentos e intervenção numa rotina de trabalho que se desdobrava como *trabalho-vivo*.

Os registros-apontamentos nos cadernos acompanham, assim, a composição de um território híbrido de trabalho-formação: minha atuação como gestor/trabalhador *em formação*, pesquisador em ato. Implicado com o Projeto Movimentos, por meio do contato com experimentações corporais, buscava a curva de acontecimentos que perturbassem poderes-saberes sobre o corpo. Nessa direção, a função dos cadernos foi a de registrar o cotidiano das práticas, para intervir/pensar um processo de trabalho-formação-experimentação em curso.

Durante o mestrado, quando rastreados à procura de passagens (acontecimentos) que instigassem as discussões sobre o tema do corpo, tais cadernos pediram novos desdobramentos. Em decorrência desse percurso, intitulo-os por *diários de navegação* ou *cadernos de formação*. As informações que lhe compõem expressam, pois, um processo de trabalho exploratório, uma espécie de portfólio dos aprendizados, das implicações e dos compromissos com o poder de convocação no campo do trabalho em saúde mental de um professor de educação física. Nesse sentido, diferem dos diários de campo em pesquisa qualitativa, posto que se compõem de registros não de uma pesquisa a ser realizada, mas de um processo de trabalho que se fez pesquisa, movimentado pela indissociabilidade entre trabalho e formação.

Em outros termos, o primeiro processo de aproximação entre o registro do trabalho-formação e a realização da pesquisa deu-se no sentido de caçar, no cotidiano, práticas que compunham o território de trabalho-formação, signos, pistas e pegadas que levassem aos acontecimentos.

2) O toque.

O percurso metodológico da caçada começou na vivência do cotidiano de um trabalho-formação, *se prolongou* pelo registro em *diários de navegação/cadernos de formação*, depois rastreados como dados de campo, desembocando no percurso pelo mestrado em educação. A partir do encontro com textos, discussões em aula, orientação e disciplinas no curso de mestrado, os

cadernos de formação foram revisitados, com o intuito de pinçar dali situações-acontecimento que, por alguma força, tinham a capacidade de afetar.

O toque, segundo movimento da atenção, refere-se justamente ao momento de afetação. Revisitando os *diários de navegação*, de repente, sou tocado por algo. Ali, algo da experiência vivenciada reverbera, move-se no meio da mata e chama atenção do caçador, afeta e alerta todo o seu corpo. O caçador ainda não sabe definir que forma tem. Seu corpo é tomado pela sensação e não pela percepção. O que ganha destaque não são as formas bem contornadas dos fatos, mas sim as forças dos acontecimentos (KASTRUP, 2007).

Dessa forma, num primeiro momento da pesquisa, selecionei oito situações registradas nos cadernos, justamente pela potência de afetação que elas pareciam conservar. Tal potência advinha da capacidade que elas tinham de demonstrar como algumas experimentações corporais produziam acontecimentos, trazendo consigo a possibilidade de borrar rotas de poder-saber-fazer instituídas para os corpos, inclusive rotas da educação física. Buscando focar em apontamentos que versavam sobre o tema do corpo, esses oito *movimentos* diziam de experiências que apontavam a composição de práticas de cuidado em saúde mental que trouxeram consigo a potência de inquietar as estratificações corporais e, com elas, o objetivo bem comportado de adestrar o corpo, tornando-o dócil à mensagem da vida ativa. Na contramão desse objetivo, tais práticas se agenciaram e fortaleceram movimentos de invenção de corpos.

3) Pousos.

Neste terceiro momento, a atenção “muda de escala” (KASTRUP, 2007, p. 19), havendo uma parada no movimento de percepção, instante em que o foco é reconfigurado. A atenção pausa, então, sobre algo e todo um território de observação se recompõe.

Numa tentativa de dar corpo-escrita às intensidades dos movimentos rastreados, pelos quais estava *tocado*, o movimento de redação da dissertação

veio como o *pouso*: a partir dos oito *movimentos* iniciais, submetidos ao debate acadêmico (banca de qualificação de projeto), selecionei dois *movimentos*.

4) Reconhecimento Atento.

Como transformar acontecimentos que ocorreram em um passado próximo em uma questão de pesquisa? Como não fazer um simples relato de experiência ou, ainda, a descrição de uma história tradicional? Tais acontecimentos teriam validade como documento de pesquisa?

O Reconhecimento Atento é o quarto gesto da atenção, momento em que se produz um ponto de intercessão entre memória e percepção. Nele, ambas passam a operar juntas, não de forma linear, mas por circuitos. Nesse sentido, entendemos aqui essa experiência como um processo de subjetivação tecido por dobras, uma singularização da experiência em um si mesmo do experimentado (Deleuze, 1986/2005). Nessa direção, a noção de experiência nos possibilita descrever não um relato de práticas, mas o impessoal que nelas vibra, reverbera como força. O objetivo é o de encontrar a força que passa entre práticas, já que “é a prática que constitui a única continuidade do passado ao presente ou, inversamente, a maneira como o presente explica o passado” (DELEUZE , 1986/2005, p. 122).

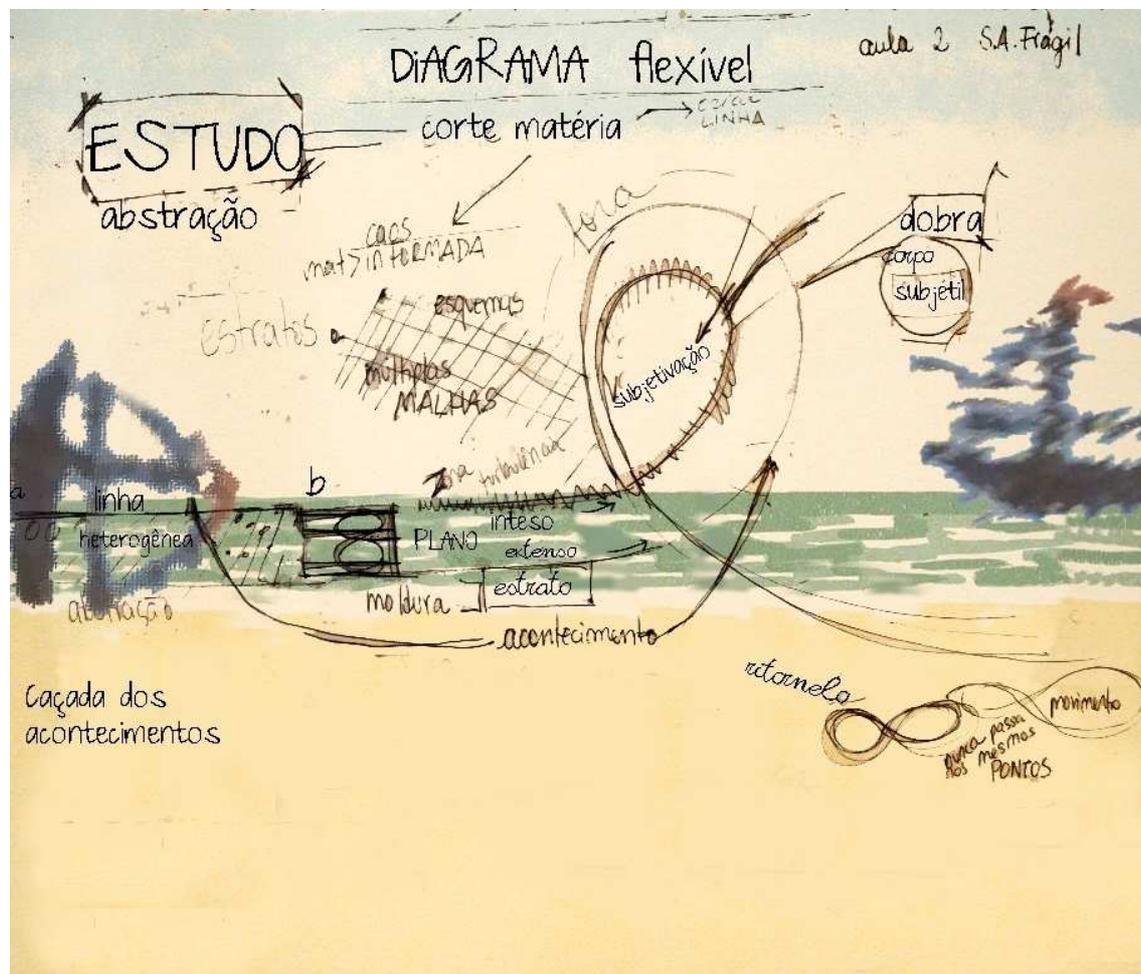
Os *cadernos de formação* tornaram-se, assim, a arma (ferramenta) utilizada durante a caçada pelos acontecimentos, conservando um *bloco de sensações*. Ao serem revisitados, rastreados e descritos no desdobramento do processo do trabalho-formação-pesquisa, produziram os dados que de certa forma “já estavam ali, como virtualidades” (KASTRUP, 2007, p. 21).

O que os diários, a seleção de afetos, os movimentos narrados e o estudo sistemático fizeram foi questionar/tensionar o conceito de corpo e a materialidade do corpo, mediante práticas corporais construídas e experimentadas no trabalho em saúde mental, a partir do Projeto Movimentos. O corpo deixava de ser entendido como um objeto dado, naturalizado, para ser pensado como um correlato de práticas discursivas, de si, de encontros, de

intervenção. Aqui, a pista é dada por Veyne (2008, p. 154): “É preciso desviar os olhos dos objetos naturais para perceber uma certa prática, muito bem datada, que os objetivou”. Desse modo, engendram-se os objetos corpo-ativo, corpo-saudável, corpo-doente, corpo-drogado, corpo-louco, corpo-hiperativo, corpo-obeso, corpo-usuário do SUS, corpo-trabalhador, corpo-professor de educação física, corpo-gestor, corpo-pesquisador. O que faz vibrá-los? Como nos agenciar com “corpos vibráteis”? (ROLNIK, 2006).

De modo geral, a caça do acontecimento, operada por meio dos dois movimentos narrados (peças-dispositivo), permitiu a materialidade para o exercício do pensamento sobre o corpo e o papel do ator social da educação física frente à sua participação nos serviços de saúde, seus limites e desafios. No rastro das pegadas remanescentes, a pesquisa desenhou-se como uma caçada por um corpo-texto que fosse alimento para as inquietações (fome) do ator social da educação física. Que corpo estamos caçando?

Há uma ancestralidade na caçada que deve ser honrada. Não se aprende a caçar sozinho, existiram outros caçadores anteriores aos que conhecemos que nos deixaram marcas, pistas, pegadas, armas que facilitam cada caçada. Caçadores de alegria, de afetos, de acontecimentos, de intensidades, fizeram da pesquisa um território de combate, de luta, de política, de vida. Caçadores que compõem um clã e fazem da tarefa solitária da escritura uma caçada “povoada de encontros” (DELEUZE, 1998). Caçadores caçam para alimentar suas tribos, caçam por necessidade de dar passagem em seus corpos às intensidades. Eis o desafio dessa escrita: honrar os caçadores. Desafio que me vem como tarefa. Caçar pelas madrugadas as palavras certas, caçar algo que me isente da mão de ferro de uma moral que impera que eu deva escolher entre um certo e um errado. Caçar palavras que façam sentido, que teçam sentidos e sirvam de alimento no final da emboscada. Com o corpo tenso, abaixado na relva das páginas brancas na tela do computador, peço licença para caçar uma linguagem, dando corpo a uma escrita que começou justamente ali: no corpo, nas afecções, no desassossego.



Corpos do corpo: como caçar um corpo

Neste capítulo, com o objetivo de caçar movimentos de corpos que, em suas trilhas, lançam a educação física em mar aberto, desenvolvo a descrição de dois movimentos. Os mesmos foram pinçados da cartografia de trabalho-formação por mim construída ao longo de minha inserção como professor de educação física, gestor da rede de saúde mental aracajuana.

Como, agora, vergar tal cartografia em texto? A tentativa foi a de construir um plano, a partir do qual se pudesse “conservar sensações” que emergem da força de práticas corporais experimentadas nesse processo de trabalho-formação (DELEUZE & GUATTARI, 1992). Ao escrever um texto, entre idas e voltas, movimentos de entradas e saídas, jogamos com as palavras, esquivamos posições, atacamos, gingamos, somos expostos, nos protegemos, projetamos nosso corpo em um jogo de ritmo, sequências, pausas e movimentos, pausas no movimento. Um *perder tempo* parece ser necessário para que o jogo-texto se configure.

A proposta é que, ao descrever os dois movimentos selecionados, este texto funcione como um exercício do pensamento, um jogo, não só de palavras. Uma luta entre corpos-palavras que movimentem nossos lugares de saber a respeito do corpo e dos modos de cuidá-lo em saúde mental, abrindo, com isso, possibilidades de intervenção no processo de educação e saúde.

Movimento I – A capoeira vergando a linha de cuidado em saúde mental

Apesar de muitos autores creditarem à capoeira uma origem rural, das senzalas ou dos quilombos, os registros e documentos oficiais de prisões e condenações apresentam-lhe uma origem tipicamente urbana. Tais fontes situam seu surgimento nas grandes capitais, em contato com o território dos cais de porto, a exemplo das cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro (SOARES, 2004).

A capoeira emerge da miscigenação afro-brasileira. Ela não veio da África. Nasceu no Brasil de filhos de pais africanos, que trouxeram seus legados, os quais aqui foram transformados, maquinando não só a capoeira, mas o candomblé e demais religiões *afro*, tais como a umbanda, o batuque etc. (SOARES, 2004). No documentário sobre o mestre de capoeira Bimba (GOULART, 2008), Sid Teixeira assinala que “o candomblé, a capoeira e a culinária [negra] são expressões de resistência cultural contra o esmagamento do dominador, senhor, branco, europeu”. Todavia, tais expressões de resistência se constituem dentro de um jogo de relações de força, no qual, em muitos momentos, a capoeira passa a fazer parte das práticas corporais de seus algozes (polícia e escravistas). Sobre isso, assinala Soares (2004, p. 44):

Os policiais aprendiam as acrobacias da capoeira para enfrentar seus rivais, mas também é possível que muitos capoeiras fossem assentar praça [entrar para a corporação] na Polícia Militar, voluntariamente ou não (...) nem o lendário major Vidigal, inimigo número 1 dos capoeiras no tempo de Dom João, escapava da escola de rasteiras.

No século XIX, a palavra capoeira designava um jargão policial, um tipo social, o *capoeira*, “um tipo que ameaçava a ordem urbana escravista” (SOARES, 2004). Ao longo deste século, a prática da capoeira é marginalizada, sofrendo

forte repressão. A partir da República, é criminalizada, constando como “atividade prevista como contravenção” (FALCÃO, 2004, p. 22).

Conforme o artigo 402 do código penal de 1890 é crime “fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos sob a denominação de *capoeiragem*”. No capítulo XIII do referido código, intitulado “Dos vadios e Capoeiras”, a prescrição para tal ocorrência era “pena de prisão celular por dois a três meses”, sendo agravada se o capoeira pertencesse a algum bando ou malta. Em casos de reincidência, era aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400: “o infrator será recolhido, por um a três anos, a colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional” (BRASIL, 1890). Somente em meados do século XX, a partir do Decreto Presidencial 1.202, de 1934, a capoeira deixa de fazer parte do código penal. No entanto, apenas em 1941, com a promulgação do Decreto-Lei nº 3.688, é que ocorre a “descriminalização oficial da capoeira” (FALCÃO, 2004, p. 22).

Ressalte-se que a história da capoeira, como qualquer outra, é povoada por contradições e descontinuidades. Dessa forma, durante o século XIX, ao mesmo tempo em que a capoeira era considerada um crime e aterrorizava a cena urbana do Rio de Janeiro, ela produzia espanto e admiração como arte de destreza sendo praticada, inclusive, pelas autoridades policiais (SOARES, 2004). Do mesmo modo, a capoeira deste século não pode ser considerada uma atividade exclusivamente praticada por negros escravos ou alforriados: “inegavelmente, trata-se de uma manifestação que se afirmou como um bem cultural com nítidos traços culturais africanos, mas jamais se constituiu numa manifestação homogênea”. Ao contrário, configurou-se como uma prática pluriétnica, que produzia - e ainda produz - por meio de seus “rituais, cantos e fundamentos, a materialização dos significados e interesses mais díspares, ambíguos e contraditórios” (FALCÃO, 2004, p. 23-24).

Dois grandes mestres se destacam como responsáveis pela conservação e difusão desta prática: Manoel Vicente Ferreira (mestre Pastinha), mestre de

capoeira angola, e Reginaldo dos Reis Machado (mestre Bimba), criador da capoeira regional. Em 1937, momento em que a capoeira ainda era marginalizada, mestre Bimba foi o primeiro a ministrar aulas de capoeira em um local fechado. Ele consegue autorização da Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública de Salvador/Ba para registrar a primeira Academia de Capoeira (GOULART, 2008).

Considerada como luta e arte tipicamente brasileira, expandiu-se pelo mundo. Atualmente, é praticada em mais de 150 países, em 5 continentes. Em qualquer lugar do mundo, as músicas e cantos são ministrados em português, o que faz da capoeira uma das maiores difusoras da língua portuguesa” (GOULART, 2008). Saliente-se ainda que, constantemente, o Brasil recebe centenas de estrangeiros interessados em conhecer ou aprofundar seus conhecimentos em terras brasileiras. A fala de Gilberto Gil, então Ministro da Cultura, aponta que a capoeira:

(...) é atitude brasileira, que reconhece uma história escrita pelo corpo, pelo ritmo e pela imensa natureza libertária do homem frente a intolerância. Luta e dança, ritmo e vigor físico. Os negros criaram a capoeira tanto para servir ao prazer quanto ao combate. Realizaram na própria carne, essa imagem da vida, fundamental até hoje [trecho do discurso “Brasil, Paz no mundo”, proferido em Genebra, na ONU, em 19 de agosto de 2004] (GOULART, 2008).

Em sua dissertação de mestrado intitulada “Capoeira: movimento e malícia em jogos de poder e resistência”, Sonaly Silva (2007) apresenta a capoeira como movimento de resistência e exercício de liberdade. A autora discute que a maior parte da produção teórica sobre a capoeira está pautada na idéia de que a capoeira se inscreve na cultura-alma-identidade de um povo, o afro-brasileiro. A capoeira é, pois, estudada “pelo viés da cultura-alma, como manifestação da cultura afro-brasileira ou como cultura popular”. Inspirada por

Guattari, a autora entende que esta relação com a cultura, apesar de pertinente e potente, pode funcionar como uma “cilada”. Ao se operar com um conceito de cultura que remeta a uma estratificação, homogeneização acompanhada por congelamento/nivelamento de sentidos e práticas, tende-se a não acompanhar os processos, as singularizações, os embates, a não cartografar o espaço de luta e contestação no qual se produzem sentidos e práticas moventes. Em outros termos, a resistência que a autora buscou analisar não diz de uma cultura dominada que se contraponha a uma cultura dominante, mas sim da resistência de corpos em movimento, que se fazem outros pela prática da capoeira. A partir da noção foucaultiana de experiência, a tentativa foi a de entender como “se configura a resistência na prática da capoeira, ou como a capoeiragem potencializa a criação de novas formas de vida” (SILVA, 2007, p. 13).

Seguindo as indicações de Silva, podemos utilizar o termo “cultura corporal”, entendendo-o como território movente, espaço de embates, composto por práticas e sentidos sobre o corpo, nem sempre convergentes. Desse modo, mesmo no interior de uma cultura determinada, a concepção de corpo não pode ser apenas uma/uma, compartilhada por todos os seus membros. Nessa direção, não pretendo aqui interpretar práticas e sentidos instituídos pela cultura-alma da capoeira. Pretendo, sim, descrever o que pode acontecer quando corpos usuários e trabalhadores de saúde mental se encontram com a capoeira e que capoeira é produzida no encontro com estes corpos. Desejo, pois, traçar as linhas de re-existência desses corpos quando o Caps se encontra com a capoeira. Quando, a partir de uma demanda, num momento específico, a *minha* capoeira adentrou um Caps, que território existencial foi possível *maquinar* e habitar?

Corpos e práticas que brotam da repetição

Em substituição ao modelo asilar de tratamento, a Política Nacional de Saúde Mental/SUS preconiza que as pessoas com transtornos mentais graves e/ou persistentes bem como pessoas com sofrimentos decorrentes do uso prejudicial de álcool e outras drogas devem ser cuidadas em serviços substitutivos de saúde mental. Tais serviços prestam uma assistência de base comunitária inseridos nas localidades em que os usuários residem. Desse modo, os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), responsáveis por tecer a rede de cuidado em saúde mental passam a ser os ordenadores desta rede (BRASIL, 2002).

Inseridos nos Caps, usuários egressos de longos períodos de internação psiquiátrica costumam se apresentar *cronificados*. O modo de andar, de sentar e deitar no chão, a repetição dos gestos, das falas, o ato de tirar a roupa, de caminhar descalço, o fumar compulsivo, o olhar fixo no horizonte parecem compor sinais corporais apreendidos e desenvolvidos em longos processos de internação nas clínicas e hospitais psiquiátricos. Tais gestos costumam acompanhar o corpo de alguns usuários egressos destes espaços, conformando uma produção *cronificada* do processo de adoecimento.

A intervenção nesta configuração corporal figura, assim, como um dos grandes desafios do processo de trabalho dos serviços substitutivos de saúde mental. Os usuários *cronificados* costumam apresentar dificuldade de adesão e permanência nas ofertas de cuidado realizadas pelo serviço. Os usuários moradores dos Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT)⁴, em sua maioria, correspondem a esse perfil.

Com os Caps, os muros físicos dos hospitais caíram. Porém, outros muros,

⁴ Os residenciais terapêuticos são serviços previstos pela Política Nacional de Saúde Mental/SUS, destinados para moradia de usuários egressos de longos anos de internação em hospitais psiquiátricos. O objetivo é o de reintroduzi-los no convívio social, tecendo um processo de cuidado articulado às equipes de atenção básica e à equipe do Caps de referência para localidade de suas casas (BRASIL M. d., 2004a).

quiza corporais, foram inscritos nos corpos destes usuários e nos nossos enquanto trabalhadores, de tal forma que, muitas vezes, continuam a instalar dificuldades de encontro entre corpos.

Sob o rótulo de *embotamento afetivo*, muitos acreditavam ou ainda acreditam não haver meio de composição com estes corpos *cronificados*. Entretanto, experimentando aquela modalidade de atenção indicada por Kastrup (2007), ao seguir suas pegadas, tateando suas peles, parece que, a força de expressão desses corpos, sua afetividade e seus gestos, parece ser outra: expressão por intensidades. Ao traçarem suas linhas, fluxos que, aparentemente, são apenas repetição, “nunca passam pelo mesmo lugar”, produzem diferença em cada gesto (DELEUZE & GUATTARI, 1997).

“Pá, pá, pá, pá, pá, pá, Pá”. Usuário, negro, homem, egresso de um longo caminho de internações psiquiátricas, morador de uma residência terapêutica, segue caminhando sem parar pelo Caps. Repetindo sempre a mesma sílaba “Pá, pá, pá”, risca as paredes fazendo desenhos, círculos ou apenas signos sem sentido. Gestos e língua que conservam a força de uma repetição, mas que, a cada movimento, produzem diferenciação. No álbum intitulado Nome, Arnaldo Antunes canta esse “Agora”: “Já, já, Já, Já pá, já pá, pás, já pás, pás, pás, pás, passou, já passou, passou, já, passou, já passou já passou, já pá, Pá, pá, pá, sou, já, pá, sou, sou, s, sou, sou, já, já passou, já pá, já passou”. Num processo de repetição-diferenciação, esse corpo-usuário gagueja sua língua e seu corpo, já passou. Como conservar forças se não por uma repetição que, ao invés de reproduzir, parece introduzir a diferença?

Quando se referem a esses usuários *cronificados*, muitos trabalhadores relatam: “ele não gosta de fazer nada”, “não tem vontade de nada”, “fica aí parado, ou fica aí andando pra lá e pra cá”, “fica repetindo sempre a mesma coisa”. O que pode indicar esta vontade de nada? *Esse ficar parado? Esse vai e vem* no caminhar de muitos usuários? Essa vontade de nada que os trabalhadores sinalizam indicaria um entorpecimento do corpo? Com que função? Um niilismo

destrutivo ou um movimento de sobrevivência e resistência?

Para Nietzsche, uma vontade de nada ainda é melhor do que um nada de vontade, posto que ainda há a vontade (GIACÓIA Jr., 2001). O que esta força da repetição corporal conserva e introduz de novo na cena instituída do corpo-louco-cronificado? Por entre gestos repetitivos, como interagir com este corpo para que uma força de afirmação se expresse? Como bifurcar bem ali onde parece não se ter mais nada a fazer? São perguntas que um ator social da educação física poderia se colocar antes de propor, em sua inserção nos serviços de saúde mental, sua prescrição de exercícios. Por que o corpo caberia à prescrição de exercícios físicos?

Durante um processo de adoecimento, enquanto se recuperava no hospital em Nova Iorque, Marcel Mauss (1974) observou o modo de caminhar de suas enfermeiras, questionando-se onde já havia visto tais gestos, aquela mesma forma de andar. Depois de um tempo de reflexão, pensou na influência do cinema americano sobre o modo de caminhar. Em seu retorno à França, percebeu que havia uma educação do caminhar propagada pelo cinema e que atingia inclusive as moças francesas. Um tipo de “imitação prestigiosa”, que torna “o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que encontra todo o elemento social, mas no ato imitador que segue, encontram-se o elemento psicológico e o elemento biológico” (p. 215).

Eis o *grande peixe* de Mauss: muitos processos que a “ciência ainda não conseguiu reduzir a conceitos, (...) não sendo (...) sequer agrupados organicamente, são desconsiderados ou classificados sob a insígnia de “diversos” (MAUSS, 1974, p. 211). O autor constrói o conceito de “técnicas corporais” para pensar esse “diversos”: o ato de caminhar, nadar, cavar, marchar, posições do corpo, das mãos, ou formas de ficar em pé, acororar, correr, saltar, dormir, ato sexual. Parece haver uma eficácia, uma utilidade nestas técnicas que desconhecemos ou desconsideramos apenas por não sabermos do que se trata. Tais atos corporais fazem parte de processos de aprendizagem que acontecem mais por transmissão, por tradição do que por imitação: é ato “técnico

tradicional e eficaz”, que devemos lidar como “técnicas corporais” (MAUSS, 1974, p. 217).

Em outros termos, por meio da utilização do conceito de “técnicas corporais”, pode-se entender o conjunto de movimentos corporais cotidianos, dos mais simples aos mais complexos, como fazendo parte de processos de aprendizagem em que estão envolvidos fatores biológicos, psicológicos e sociais, não podendo ser considerados de forma dissociada (MAUSS, 1974). Dessa forma, esse complexo conjunto não se refere apenas a atividades mecânicas, físicas e biológicas de um corpo orgânico. Nem tampouco indica somente a uma produção social a respeito do corpo, ou uma tomada de consciência dos gestos corporais.

Partilhando dessa direção, no contexto de reflexão das ciências humanas, forja-se o conceito de “cultura corporal”. A articulação do adjetivo *corporal* ao conceito de cultura funciona para sinalizar os limites de um campo de pesquisa e de intervenção: “remete aos modos de ser e pensar o corpo, compreendido em seu sentido vasto. Implica, portanto, o reconhecimento de que a atividade do homem está associada à construção de significados que lhe dão sentido à existência” (CARVALHO, 2007, p. 28).

Na educação física, utiliza-se o termo “práticas corporais”, justamente para aludir o conjunto de práticas envolvidas na construção cultural das diferentes formas de expressão corporal. As práticas corporais são “significativas, portadoras de um sentido para aqueles que delas participam” (SILVA & DAMANI, 2005, p. 24). O uso deste conceito tem sido marcado pelo objetivo de não se restringir ao sentido de simples gasto calórico, efeito biológico, produzido por qualquer atividade músculo-esquelética que tenha um gasto calórico acima do basal. Não se trata de negar o caráter fisiológico das práticas, e sim de não reduzir o fisiológico ao simples gasto calórico.

A partir dos conceitos de técnicas corporais, práticas corporais e cultura corporal, ousando me situar num outro plano que não o das estratificações,

borrar mapas culturais e lingüísticos, a tentativa foi a de produzir um território de pesquisa bem ali onde os corpos se fazem potentes. Na procura pela emergência de corpos em movimentos, o exercício foi o de fazer vibrar esses conceitos. A partir desses conceitos-ferramentas, desejo descrever processos complexos de aprendizagem, que não se restringem a prescrições e normalizações, mas que ensejam uma arena de embates entre forças que compõem o corpo, traçando com ele um campo de experiências.

A partir desse percurso conceitual, abre-se a possibilidade de situar as análises-intervenções para além de prescrições/orientações/recomendações do exercício físico para encontrar com corpos que operam práticas de si, de mundo, de coletivos. O que temos, então, é uma ampliação do que entendemos por fisiológico, no momento em que consideramos que tanto ele afeta quanto é afetado por outros vetores de passagem.

Seguindo essa direção conceitual, os movimentos repetitivos dos usuários *cronificados*, que parecem não dizer nada mais do que apenas o resultado de um processo de institucionalização, podem ser considerados como possuindo uma função, como ato técnico do corpo. Se “o corpo é o primeiro e mais natural objeto técnico e ao mesmo tempo o meio técnico é homem” (MAUSS, 1974, p. 217), se o “corpo é marcado e arruinado pela história” (FOUCAULT, 2001a), pode-se entender os movimentos corporais repetitivos dos usuários como compondo um processo de subjetivação, uma “dobra” que se apresenta no corpo na forma de técnicas corporais. Parece que a potência desses corpos está no ato de produzir uma *dobra da dobra*, fazendo, assim, acontecer nessa repetição outros corpos, outras práticas, outros movimentos. Quando a força dobra sobre a dobra, produzindo um dobrar-se sobre si, emerge o *corpo dos corpos*.

Quando as forças do fora forçam a desterritorialização, pode-se *maquinar*, por entre linhas de fuga, um Corpo sem Órgãos (CsO). Seria o corpo *cronificado* um Corpo sem Órgãos, do qual falam Deleuze & Guattari (1996) em Mil Platôs? O qual nos expõe Artaud (1983) através do seu teatro contra a organização dos

organismos⁵? Pois é contra o julgamento, a organização, os estratos, contra o juízo que um Corpo sem Órgãos é criado. Criar para si um CsO parece ser, pois, uma questão de vida.

A partir de tais considerações, temos uma única certeza: “jamais saberemos integralmente o que pode um corpo, pois ele é absolutamente paradoxal” (GIACÓIA Jr., 2002, p. 214). Se “cartografar é sempre compor com um território existencial, engajando-se nele” (ALVAREZ & PASSOS, 2009, p. 131), a finalidade foi a de *atender à demanda reprimida* de compor novos elementos na linha de cuidado desses corpos, entendendo-os como possíveis de intervenção (produção de uma linha de cuidado singularizada) e interação. Intervenção que não seja apenas a de barrá-los, mas de segui-los enquanto fluxo, portanto, por interação. Desse modo, a capoeira adentrou o Caps na tentativa de, através da interação com esses corpos, dar passagem a forças de re-existência. Dessa forma, o objetivo foi o de me lançar na caçada por acontecimentos que me dessem pistas sobre as dobraduras dos corpos, de modo a fomentar uma educação física agenciada à sua potência.

Ritmo, jogo, roda: construções da capoeira

A musicalidade, o pandeiro, o berimbau, o atabaque, o agogô, a palma, o ritmo, o canto e os lamentos compõem os elementos musicais da capoeira. A continuidade dos movimentos, o uso estratégico da ginga, golpes, esquivas, deslocamentos e floreios (movimentos acrobáticos) compõem seus elementos físicos. A articulação entre os elementos musicais e físicos conformam o jogo da capoeira. O jogo da capoeira é comandado pelo berimbau, instrumento rítmico de uma corda só. O *capoeira* joga o jogo que o berimbau está anunciando. As cantigas, ladainhas e músicas de capoeira contam uma história, uma situação ou

⁵ “O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 21).

fazem homenagem a um grande mestre, compondo, assim, seus elementos culturais.

Uma atmosfera - um ambiente composto por esses elementos musicais, físicos e culturais - é construída para que os corpos possam jogar. Desse modo, a roda acontece (movimento de socialização da capoeira). Em seu plano de efetuação, a capoeira não se reduz a um mundo verdadeiro, objetivo, em oposição a um mundo falso. O falso e o verdadeiro não existem, o jogo é sempre imanente. O mundo da capoeira é composto da roda e de seus elementos. O instrumento da capoeira é o corpo. A expressão do capoeirista é seu jogo, sua malícia.

No universo da capoeira, a palavra malícia não está relacionada com maldade, diz, sim, de uma atitude encarnada pela experiência e da capacidade do capoeirista em introduzir o novo e o inusitado no movimento, no jogo, na roda. Introduzir o falso no verdadeiro, fazer que vai mas não vai, enganar com o corpo ou mudar de direção, são características do jogo da capoeira, dizem de sua malícia. A esse respeito, Silva (2007, p. 10) assinala que “a conquista da malícia, na capoeiragem, engendra um conhecimento de si e do mundo que potencializa a produção de singularidade, em um processo de movimento infinito”.

Apesar de apresentar elementos que parecem se repetir, o jogo da capoeira apresenta-se como um campo aberto à invenção. Não há repetição, mas um ritornelo⁶ de movimentos que, toda vez que voltam ao jogo, já não fazem o mesmo traçado. Os corridos na capoeira trazem esta força do ritornelo. “Ô sim sim sim, ô não, não, não, oi sim, sim, sim, oi não, não, não, eu já disse que sim, eu já disse que não, oi sim, sim, sim, não, não, não”, apenas com a *repetição* do corrido o jogo pode ter diversos desfechos, nunca é o mesmo.

⁶ “O ritornelo tem os três aspectos e os torna simultâneos ou os mistura: ora, ora, ora. Ora o caos é um imenso buraco negro, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do ponto uma “pose” (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro tornou-se um em-casa. Ora enxertamos uma escapada da pose, para fora do buraco negro” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 117)

Como jogo, reporta-se a uma capacidade de luta, de criação de estratégias de combate, de disputa entre os corpos. Todo movimento é um novo movimento, é introdução do novo. O que parece se repetir é apenas por semelhança. Cada movimento engendra outra série de movimentos heterogêneos.

“Na vida se cai, se leva rasteira, quem nunca caiu, não é capoeira” (música de domínio popular). Queda, capoeira é queda. A queda de um corpo no espaço de uma roda. A queda de um corpo no jogo ou o jogo da queda. No contexto da capoeira, a queda não é algo pejorativo, ela abre para outras possibilidades de movimentos. Com ela, inicia-se ou continua-se um movimento. Pausa no movimento e não uma pausa do movimento. Muitas vezes, a crise é entendida como uma queda dos usuários de saúde mental, uma recaída, vista como um fim, e não como fazendo parte do processo de saúde-adoencimento. Não importa quão bom seja o capoeirista, a queda faz parte da capoeira. Do mesmo modo, a crise faz parte da vida das pessoas, uma pausa no movimento, não o fim.

Quando alguém se encontra em uma rua, em um parque, em uma praia com uma roda de capoeira, o que costuma chamar a atenção são as músicas, as acrobacias dos corpos, os golpes e as esquivas. Nem sempre se percebe tudo o que está acontecendo no jogo. O que não quer dizer que há algo escondido por trás do jogo da capoeira, mas que o percebido são os movimentos físico-anatômicos, não as outras possibilidades de movimento existentes na roda de capoeira ou provocados por ela. Parece um teatro da representação, mas trata-se de um teatro trágico, exercidos pelos seus jogadores, sem gestos ensaiados, somente a arte dos movimentos.

Alguns autores mencionam a possibilidade de que o ritmo e o bailado presentes na ginga da capoeira teriam a função de disfarçá-la, para que os senhores, donos dos escravos, não percebessem sua capacidade de luta. Um falsear com capacidade estratégica de enganar o adversário. Sua dança-luta combate *entre* forças, não entre sujeitos, falseando suas identidades. No jogo da capoeira, o que produz sentido é o jogo, não quem está jogando. Mesmo que a

figura do mestre produza uma posição de poder no jogo, o próprio jogo a coloca sob questionamento: “Capoeira me venceu, o discípulo deu no mestre, foi o que aconteceu, galo cantou, He He galo cantou camarada, He cômô co camarada” (música de domínio popular).

Algo acontece nas rodas de capoeira. Porque jogada como dança, talvez pela presença da dança e da música, convoca a passagem de forças. Acontece em movimento, nos movimentos, em um jogo sempre imanente. É uma arte da sensação, do corpo, da percepção, da visão, não a visão ótica, uma visão corpórea, uma visão com o corpo:

Sou um guardador de rebanhos. O rebanho é os meus pensamentos. E os meus pensamentos são todos sensações. Penso com os olhos e com os ouvidos. E com as mãos e os pés. E com o nariz e a boca. Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la. E comer um fruto é saber-lhe o sentido. Por isso quando num dia de calor, me sinto triste de gozá-lo tanto. E me deito ao comprido na erva, e fecho os olhos quentes, sinto todo o meu corpo deitado na realidade, sei a verdade e sou feliz (CAEIRO, O guardador de Rebanhos, 2007/1912, p. 30)

O corpo que joga é todo o corpo. É o corpo que percebe o jogo e antecede os movimentos. É o corpo que encontra a bateria, o ritmo, o berimbau, o atabaque, o pandeiro, o agogô, o canto, o lamento, a ladainha, o corrido, o toque, outros corpos. Encontro que produz movimento, permitindo que os jogadores criem, mudem suas posições, produzam efeitos sobre os seus corpos e os corpos externos ao jogo. Algo acontece na capoeira, como experimentação. Mobiliza os “perceptos” e os “afectos” por meio do encontro *entre* corpos, pelo ritmo, pela ginga, pela esquiva, pela luta, pela dança, pela música, pela roda, pelo teatro, pela queda (DELEUZE & GUATTARI, 1992).

Roda é território de acontecimento, de desenvolvimento de um jogo sempre por vir, um jogo que nunca é o mesmo, nunca se repete e não tem fim em seu término. Uma roda de capoeira nunca acaba, ela sempre continua em uma outra roda. O termo “volta ao mundo” elucida esse começo e término sem fim. É utilizado quando, por necessidade de descanso ou de recomeço do jogo, dois capoeiristas param o jogo e rodam em sentido anti-horário até voltarem ao pé do berimbau e recomeçarem o jogo. Esse movimento de volta ao mundo não é apenas dar uma volta na roda, mas se conectar com o passo do outro, com o movimento corporal do outro, caminhar seguindo o outro, seus gestos, seu corpo. Roda é mundo. Dar a volta na roda é dar volta ao mundo. Um mundo imanente em que a intensidade dos corpos permite que o jogo se faça.

O berimbau chamou camarada. O atabaque acompanha e marca a pulsação do jogo. O pandeiro, o balanço, a quebrada da ginga. O corpo que se joga ao encontro do movimento, espera, aguarda o som do berimbau, que dita o ritmo e o sentido do jogo, comanda os movimentos por vir. A cada toque, dois *capoeiras* ao pé do berimbau ouvem atentos o lamento que chama para o jogo, o lamento de uma história distante no tempo, mas que se faz presente no agora. A roda está cheia de capoeiristas que, ao acompanhar com as palmas, introduzem energia e ritmo no jogo. O misterioso círculo da roda se forma. Uma energia que provém do ritmo, da musicalidade, do toque dos instrumentos, da força de cada cantiga, da resposta do coro, da pulsação das palmas e dos pés no chão faz com que a roda chame para o centro o jogo. O jogo começou camarada. Ao pé do berimbau, corpos pedem permissão e começam a jogar...

A roda: o corpo como fluxo de forças

Em Aracaju, durante o ano de 2007, acompanhando a diretriz de gestão que apontava a necessidade de qualificação do cuidado prestado pela rede psicossocial, a equipe técnica de um dos três Caps 24h iniciou uma discussão que mirava um processo de planejamento e implementação das atividades

terapêuticas ofertadas pelo serviço, o que passou por discutir seu *cardápio* de oficinas terapêuticas⁷.

Num primeiro momento da discussão, que ocorrera ao longo de algumas reuniões de equipe técnica, os trabalhadores responsáveis pela condução das oficinas apresentaram cada oficina ofertada, expondo como elas foram criadas, seus objetivos e para qual público se destinava. A partir deste levantamento, percebeu-se que usuários em crise, usuários com determinadas limitações físicas e/ou cognitivas, usuários *cronificados*, usuários moradores dos SRTs, usuários em acolhimento noturno costumavam não participar das oficinas. Isso sinalizava para a equipe uma paisagem de cuidado que parecia não acolher os *casos* de *maior* necessidade de intervenção. Era preciso, portanto, analisar, interferir e modificar tal paisagem.

Dessa forma, iniciou-se o segundo momento da discussão. Agora era preciso pensar e apresentar alterações na oferta de cuidado, inserindo novos elementos nas oficinas existentes e criando novas oficinas, pautando-se, para isso, nas demandas dos usuários. Nesse contexto, propus uma oficina modular de capoeira, com duração determinada de dois a três meses.

Ao chegar neste Caps, vê-se um portão gradeado, em que um segurança controla a entrada e a saída de usuários e familiares. A fachada branca com vermelho representa as cores da secretaria da saúde. Uma porta remete para a sala da recepção, onde ficam os usuários à espera por consultas psiquiátricas, uma televisão sempre ligada e um balcão que guarda o espaço de um recepcionista e do profissional que estiver na escala de acolhimento para receber os usuários que chegam pela primeira vez ao serviço. Ao lado da recepção,

⁷ Tais oficinas se caracterizam como espaços que se querem terapêuticos centrando-se em, pelo menos, três princípios: 1) Produzir cotidianidade, desenvolvendo atividades que costumam compor o cotidiano das pessoas (atividades da vida diária), tais como cozinhar, ter hábitos básicos de higiene, se embelezar etc. 2) Produzir coletivos, garantindo espaços de socialização, de troca de experiências, a partir de um envolvimento grupal com objetivos compartilhados: aprender ou implementar uma atividade. 3) Compor territórios existenciais, complexificando-os por meio da introdução de novas atividades, as quais tendem a funcionar como produtoras de novas paisagens subjetivas. Para isso, atividades artísticas e práticas corporais parecem ser imprescindíveis, janelas para si e para o mundo.

encontra-se uma pequena sala em que fica o arquivo do serviço com os prontuários dos usuários. Um pequeno corredor conduz para duas salas separadas por divisórias, que se destinam a atendimentos individuais. Ao fundo, uma terceira sala é utilizada como sala de equipe, espaço pequeno que apenas comporta pessoas em passagem. Outro corredor parte da recepção, prolongando-se até os fundos do estabelecimento, passando por dois cômodos grandes, o dormitório feminino e o masculino, com capacidade total para receber 08 usuários em acolhimento noturno. À frente dos dormitórios, encontra-se a enfermaria e os banheiros masculino e feminino destinados aos usuários. Ao final do corredor, abre-se um espaço amplo, conformando o centro do serviço, local de maior fluxo e permanência dos usuários. O mesmo é utilizado como refeitório, sendo preenchido por algumas mesas e bancos, em que os usuários ficam sentados, conversando, andando, fumando, esperando pelas atividades. O refeitório liga-se à cozinha. Passando-se por uma rampa, encontra-se uma construção retangular com um conjunto de salas, onde, de um lado, localizam-se a sala da coordenação, duas salas de oficinas e o almoxarifado. Do lado oposto, situam-se os banheiros masculino e feminino reservados aos funcionários e uma pequena sala para oficinas. Ao lado dessa construção retangular, encontra-se uma pequena quadra de concreto, sem cobertura.

Esse espaço central utilizado como refeitório serve ao estar, esperar ou ficar no serviço. Por ali também circulam trabalhadores em seus afazeres, acompanhando, conversando, correndo. Trata-se de um espaço sempre ocupado por *corpos em passagem* em suas produções cotidianas. As únicas pessoas que parecem ali se grudar são os usuários *cronificados* em seus *delírios*, sentados, deitados, gritando, falando coisas, em seus movimentos repetitivos.

Este espaço aberto no meio do serviço funciona como uma espiral, em que os corpos entram, rodam e são jogados para fora novamente. Um não-lugar dentro do serviço, considerado como um espaço difícil para realização de oficinas terapêuticas. Seu potencial de produção de encontros parece ser

desconsiderado pelos trabalhadores “porque é muito quente”, “porque faz muito barulho”, “porque tem muita gente passando”. Além da realização de refeições, esse espaço reserva-se para a realização da assembléia com usuários e de confraternizações, ocasiões em que um grande número de pessoas ocupa o serviço, sendo impossível alocá-las em outro lugar.

Bem ali neste lugar, eu farejava rastros de uma força singular pelo que ele tinha de visibilidade, de circulação e chamamento de pessoas. Dessa forma, propus que a oficina de capoeira que eu iria desenvolver ali acontecesse. Nesse espaço *desacreditado*, habitado por usuários *desacreditados* pela linha de cuidado instituída, foi habitado por um paradoxo: os usuários que mais aderiram às oficinas de capoeira foram justamente os usuários *cronificados*. Por meio de uma intervenção que desejava se agenciar com a potência de corpos aparentemente impotentes, que almejava intervir por interação e não por normalização, a capoeira entrou neste Caps⁸.

A oficina de capoeira foi programada para acontecer durante dois meses. Em virtude da solicitação de usuários, foi estendida por mais um mês, ocorrendo de outubro de 2007 a janeiro de 2008.

As atividades eram planejadas segundo as demandas apresentadas nos Projetos Terapêuticos Singulares e das necessidades observadas ao longo da própria oficina. As práticas eram coletivas, começando por um alongamento dirigido, depois por um aquecimento com movimentos básicos, principalmente movimentos de ginga e deslocamento. Em toda aula havia a repetição da série de movimentos aprendida na aula anterior, acompanhada pela introdução de algum elemento novo. No segundo momento da aula, a turma era dividida em duplas, para que os movimentos realizados individualmente nos exercícios anteriores fossem experimentados a partir de uma seqüência desenvolvida agora

⁸ Produzir uma oficina de capoeira restrita ao interior de um Caps não necessariamente contradiz o objetivo de inserção social dos usuários. Tanto é que essa oficina funcionou como via de inserção de corpos *cronificados* no cuidado oferecido pelo serviço. O que é isso senão um modo de inserção social?

pela dupla. Exemplo de seqüência: movimentação de ginga. Um dos capoeiristas aplica uma meia lua de frente, enquanto o outro realiza uma esquivada básica, desviando-se do golpe de seu oponente. O terceiro momento da aula era o de composição da roda. No início das oficinas, todos jogavam comigo, o professor. Somente após duas aulas, quando os usuários já dominavam alguns movimentos, é que foram realizados jogos entre os alunos. Depois que todos haviam jogado, era realizado um momento de relaxamento, em que os usuários deitavam em colchonetes e recebiam *comandos de voz* para que começassem a relaxar e coordenar a respiração. Por meio de toques nas articulações, iam relaxando o corpo. No momento final, era realizada outra roda, agora de conversa sobre a aula. Nela, cada usuário podia falar sobre como experimentou as atividades, dificuldades, superações, sensações.

Com inserções variadas, entradas e saídas diversas, usuários foram aderindo à oficina. A roda, geradora de uma força atrativa, parecia puxar para o centro do jogo as intensidades dos corpos. Atravessava-os com linhas, que iam engendrando participações tão diversas, que não se resumiam ao jogo no centro da roda. No decorrer da oficina de capoeira, observei que alguns usuários que não faziam *fisicamente* a capoeira (não exercitavam), estavam presentes e envolvidos com a atividade, participando, gingando com o olhar. Entravam em outro ponto do jogo: aprendiam pelo olhar, olhando o movimento dos colegas, acompanhando com palmas, atentos aos movimentos, pedindo silêncio para os outros que passavam ou chegavam desavisados do que estava acontecendo.

Uma das usuárias observava todas as aulas. Às vezes, esboçava um sorriso ou acompanhava com uma palma. Com o cigarro sempre na boca, mantinha os olhos atentos ao movimento que os corpos desenhavam em cada jogo, em cada roda que se formava. Seu corpo jogava com o corpo do outro, no movimento do outro. Algumas vezes a convidei para entrar na roda ou participar de alguma atividade, ouvindo sempre uma negativa como resposta. No entanto, permanecia ali, jogando com seus olhos.

Durante as atividades, observei algumas rodas concêntricas se formarem

em torno do jogo: havia os dois jogadores no centro da roda, gingando em movimentos cadenciados pelo ritmo das palmas, do berimbau e das músicas. Havia a roda formada pelos usuários que participavam *oficialmente* das atividades. Outra, aberta e dispersa, se formava de maneira aleatória por usuários que assistiam ao jogo, acompanhando com palmas. Havia ainda, os trabalhadores que, em alguns momentos, ao passarem pelo refeitório, eram capturados pela roda, interrompendo sua trajetória, sendo impelidos a observar o jogo. Por meio da composição dessas rodas, a prática da capoeira funcionou como agenciadora de encontros com corpos, de encontros com o *outro* dos corpos.

Por meio de sua participação na oficina, a presença *morta* de usuários *cronificados* no espaço *morto* do refeitório era reconfigurada, produzindo-se estranhamento nos demais usuários e trabalhadores. Ao ver o corpo de determinados usuários produzir movimentos diferentes dos que estavam descritos e prescritos em seus prontuários ou do que indicava a caracterização de suas patologias, trabalhadores esboçavam surpresa.

A oficina de capoeira funcionou, assim, como analisadora da suposta não adesão de usuários *cronificados* às atividades propostas e da suposta inadequação deste espaço central para a realização de atividades terapêuticas. O corpo desses usuários e o não-lugar do refeitório ganharam novos contornos com as atividades da capoeira. A oficina de capoeira operou uma via de passagem para forças que habitavam a virtualidade desse território existencial composto pelo cruzamento entre esse espaço com esses corpos. Eu, os usuários e os trabalhadores nos deparávamos com a força produzida por corpos que gingavam na roda.

Entra em cena um menino com cerca de 20 anos, esquizofrênico, considerado como tendo *embotamento afetivo*, dificuldades de olhar nos olhos e se comunicar. Toda via, durante os jogos de capoeira, aqueles olhos que nunca me olharam não desviavam, pois era preciso jogar. Encontro intensivo entre corpos, afeto, composição, em que a “relação sujeito-objeto treme”, algo passa

entre os movimentos, introduzindo o novo, a novidade, o *larvário* (ORLANDI, 2009).

Desse modo, parece ter acontecido um deslocamento do que se concebia capaz àquele corpo-esquizofrênico, olhar-distante. Não cabia mais classificar a (falta de) comunicação do seu olhar. Ele parecia não caber mais no corpo que tinha antes, ganhando volume, outras formas, outros movimentos. Novos modos de conexão foram experimentados com seu corpo. O que sabíamos sobre ele mudou, passou, outro corpo emergiu. Outras conexões se fazem agora necessárias.

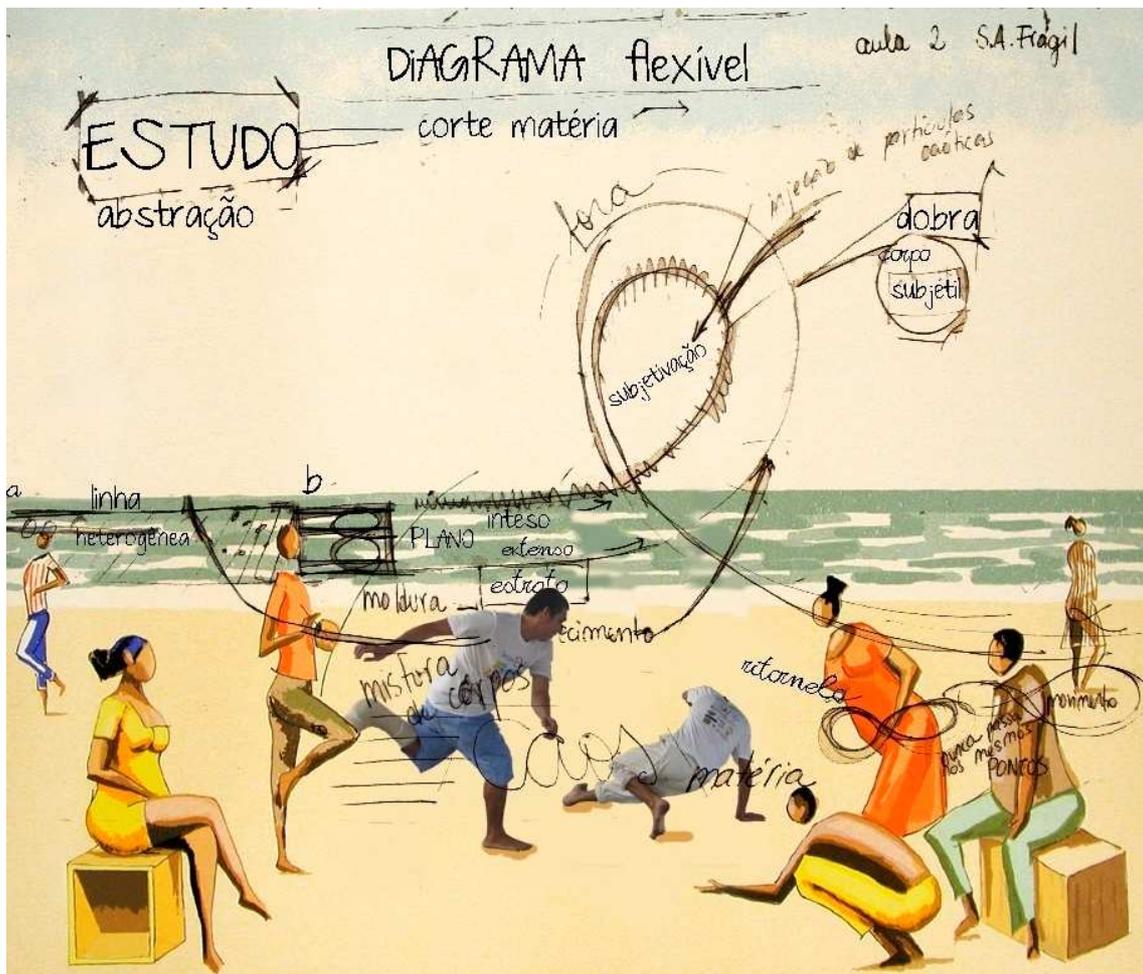
Outra cena salta do estratificado corpo-louco-*cronificado*, incapaz de se comunicar. Um dos usuários do serviço, morador de um serviço residencial terapêutico, tinha em seu corpo marcado por um longo processo de internação, apresentando dificuldade para falar, expressando-se sempre por meio de gestos e pequenos sons que pareciam não ter sentido. Este usuário participava ativamente da oficina de capoeira. Até que, durante um torneio de futebol entre os Caps da cidade, fraturou a perna, sendo necessária imobilizá-la com uma tala de gesso. Na aula posterior ao seu acidente, ele estava lá, esperando para pela oficina de capoeira. Conversamos a respeito e disse-lhe que seria impossível realizar a aula com a perna fraturada, pois poderia lesionar a outra pelo esforço demandado. Perguntei se ele entendia e lhe disse que poderia assistir a oficina sentado, perto de todos. Entretanto, durante a roda, ele sai do banco em que estava assistindo a oficina e se posiciona agachado, esperando para jogar comigo. Utiliza deslocamentos de chão, troca de mãos e substitui a ginga por pulos curtos com a outra perna. Começa a jogar.

Logo depois dessa situação, todas as vezes em que nos encontrávamos, não me cumprimentava por meio de palavras. Ao me avistar, já gingando, ia ao meu encontro. Eu era pego de supetão, tinha que largar todas as minhas coisas e jogar com ele. Às vezes, bastava uma ginga, nossa forma de saudar um ao outro passava a ser o jogo, através da capoeira. Se o mundo, inclusive o da capoeira é

um plano imanente em que as forças agem como forças, se “o corpo é a grande razão”, para quê palavras se temos pernas para falar?

Corpos não se resumem a estratos, mas partem deles para produzirem um novo território, uma casa, uma dobra sobre si. Por meio de seus movimentos, os corpos das duas cenas aqui narradas re-existiram em outro território que não apenas o do corpo *cronificado*. A capoeira praticada por corpos desacreditados naquele lugar desacreditado (refeitório) produziu uma ruptura dos estratos. No campo do visível e do enunciável sobre corpos *cronificados*, emergiu um corpo inédito, mudando o plano de visibilidade sobre tais corpos. Há uma disjunção, uma ruptura entre o que era dito sobre eles, nos prontuários e descrições psicopatológicas e aquilo que agora se torna visível no “quadro-visibilidade” (DELEUZE, 2005/1986).

Como toda *escola*, a capoeira pode produzir subjetividades aprisionadas, dogmatizadas e seguidoras de uma *verdade da capoeira*, ou produzir singularidades que acompanham o seu movimento, se desterritorializam e rompem com as identidades. Nessa experimentação, a capoeira funcionou como via de re-existência de corpos, como prática produtora de saúde e de subjetividade, como arte de encontro e como *redescoberta* do corpo, produzindo outros fluxos para os seus movimentos. Afetação: composição entre corpos (Rocha & Aguiar, 2010).



Composição: (CARYBÉ, 2003); (ZORDAN, 2009); (foto: acervo SM/AJU, 2007)

Movimento II – O mar nos ensina a navegar: habitar o *entre*

A força de um encontro parece estar naquilo que ele carrega na ação, no que ele arrasta pelo meio, como correnteza, rebentação ou repuxo, na potência de forças que transpassam, se atravessam, se misturam ou diferenciam, se atraem ou repelem. Com efeito sobre os corpos, um encontro ocorre *entre* corpos. Tais corpos não se restringem aos corpos humanos, mas corpos de todos os tipos e materialidades. Talvez, por isso, um encontro seja encontro entre forças. Algo passa entre os corpos *que se encontram*. Não se trata de ver, ter consciência ou muito menos pegar. Caçar este *entre* dos encontros é seguir a subjetivação, as dobras de si e do mundo. Como refere Orlandi (2009), “são esses momentos que não dá para pegar que vão constituir para Deleuze uma *dobra* da vida”. Por vezes, tais encontros, ao darem passagem às forças intensivas do fora, fazem com que um corpo se dobre sobre si mesmo, entre em devir de si mesmo.

Encontros-acontecimentos, que tocam nosso corpo, que atravessam nossas vidas. Acontecimentos que rompem com o instituído, com as certezas, com o protocolar de nossas práticas. Movimentos intempestivos entre o virtual e o real, entre as linhas paralelas do intensivo e extensivo, entre o corpo e o pensamento fazem mudar estados. Mudam os corpos implicados, dessubjetivam, ressingularizam. O que se tinha antes já não se tem mais, “é outra coisa, já passou”, experimentando-se o contato com a imanência, dando passagens a forças (ORLANDI, 2009).

Às vezes, precisamos dar as mãos à arte para que possamos suportar um encontro. A arte é composta por grandes encontros. A arte é um “bloco de sensações”, que mobiliza afectos nos afetos e perceptos na percepção. Contém a capacidade de mobilizar um *entre* os afetos e um *entre* as percepções. Parece que a arte nos acompanha, nos acolhe, nos abriga e produz casa em meio às destabilizações. Ela conserva e se “conserva em si, embora, de fato não dure mais do que o suporte de seus materiais” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 213). Tomamos a arte pela mão ou seria a arte que nos toma pela mão e nos convida ao encontro? A literatura como arte que nos arrasta, nos leva a navegar em mares profundos e sinuosos, em misterioso movimento de atração, em um misto de medo e sedução. A arte compõe de um território, como fazem os animais de

território que delimitam o seu terreno a partir de sua urina, de suas cores, de seu canto (DELEUZE, 1988/1994). Entrar e sair de um território, desestabilizar, experimentar o desconforto, é disso que se trata quando acontece um grande encontro: contato com o vazio, exigência de constituir um corpo de sustentação, vergar-se, inventar-se. Não clonar um corpo entre aqueles sugeridos pela mídia/moda/medicamentos. O encontro pressupõe, assim, um estranhamento, deslocamento.

No livro “A paixão segundo G.H.” de Clarice Lispector, a personagem G.H. descreve seu tortuoso encontro com uma barata, e pede:

segura minha mão porque acho que estou indo. Estou de novo indo para a mais primária vida divina, estou indo para o inferno de vida crua (...) perdoa eu te dar isto, mão que seguro, mas é que não quero isto para mim! Toma esta barata, não quero o que vi (...) Dá-me a tua mão. Porque não sei mais do que estou falando (LISPECTOR, 2009, p. 56).

Neste mesmo sentido, em “O velho e o mar” de Hemingway, o personagem Santiago, chama pela presença de seu amigo, o garoto, que antes em tempos de sorte, o acompanhava em suas pescarias:

gostaria de ter o garoto aqui comigo – falou o velho em voz alta. – estou sendo rebocado por um peixe e sou eu o poste ao qual está preso o reboque (...) gostaria tanto ter aqui o garoto! (...) se o garoto estivesse aqui poderia friccionar-me a mão e aliviar-me o antebraço” (HEMINGWAY, 1952/2009, pp. 48, 52, 65).

No momento em que os dois personagens entram em suas lutas, em seu jogo, no quarto desértico ou no mar aberto, pedir pela mão ou chamar pelo

garoto parece apontar para pistas na caçada por este *entre* dos acontecimentos. O que significa dar a mão?

dar a mão a alguém sempre foi o que esperei da alegria. Muitas vezes antes de adormecer – nessa pequena luta por não perder a consciência e entrar no mundo maior – muitas vezes antes de ter a coragem de ir para a grandeza do sono, finjo que alguém está me dando a mão e então vou, vou para a enorme ausência de forma que é o sono (LISPECTOR, 2009, p. 16).

Mesmo sem a presença do garoto, Santiago por diversas vezes clamava-o em voz alta. Pensava ele “que pessoas de sua idade nunca deveriam estar sozinhas”, mas ele aparentemente estava. Da mesma forma como G.H., Santiago fingia em ter o garoto por perto, fingia que ele o acompanhava.

Eu, tal como G.H. e Santiago, “enquanto escrever e falar vou ter que fingir que alguém está segurando minha mão” (LISPECTOR, 2009, p. 16). Neste movimento, peço a mão da literatura de Ernest Hemingway e de Clarice Lispector e, respectivamente, a mão do velho pescador Santiago e de G.H.. O que estes personagens parecem fazer passar é a força de um encontro que tiveram no *entre* de seus corpos com outros corpos. O encontro com uma barata apreendida na dobradiça da porta do armário e com um peixe apreendido pelo anzol. Convoco a força da arte dessas literaturas, não para cumprir uma função de alegoria narrativa, mas para anunciar outra forma de trabalho, que envolveu um processo de descoberta do corpo para o qual não possuía não se possuía nenhum mapa. Para acompanhar o relevo da experiência vivenciada, os mapas da educação física que eu guardava precisaram se reconfigurar.

G.H. e Santiago pedem por companhia. A primeira, pela mão que não abandone e lhe acompanhe nesta trajetória, que agüente firme e que siga um pouco mais em seu deserto. O segundo chama em voz alta, no meio do mar, pela presença do menino. A experimentação que vou aqui narrar também

aconteceu por convite. Tratou-se do ato de acompanhar processos intempestivos de mudanças, de acompanhar *um* corpo que se debatia, em aflição.

- Estou nervoso porque vou ao médico segunda-feira. Gostaria que você, meu amigo, fosse comigo, se não fosse lhe incomodar!

- Por que você gostaria que eu fosse? Por que estás nervoso?

- Porque você pode me dar a sua força. Eu tenho medo de o médico querer me internar de novo (caderno 7, 13/12/07).

- Eu decidi que não vou para o médico, vou quebrar, vou espernear, mas não vou no médico hoje. Eu prometo quebrar o barraco hoje.

- Por que isso? O que houve?

- Porque eu tô com medo dele me internar e você ir embora sem ele ter chegado (caderno 7, 17/12/07).

- Eles estão querendo me internar no Hospital Universitário. Depois daqui eu vou para rua. Você tem que estar do meu lado (caderno 7^o, 03/02/09).

Nessa experiência, minha educação física traduziu-se em acompanhar e desestabilizar, reverberar os *corpos do corpo* e assegurar a mão. O que fiz foi acompanhar passos, processos, linhas, ondas, forças, traçando para mim uma nova apreensão sobre o corpo e sobre a educação física. Apresento, assim,

⁹ Tratava-se de alguém pouco afeito à comunicação verbal. Desse modo, para acompanhá-lo, a arma central utilizada foi o desenvolvimento de conversas escritas, registradas em cadernos.

minha presença de ator social da educação física, meus aprendizados e intervenções durante um acompanhamento terapêutico desenvolvido em um Caps 24hs, entre o final do ano de 2007 e o início do ano de 2009.

Experimentando acompanhar

Num contexto em que se buscava qualificar o cuidado prestado, a partir de análises realizadas pela equipe, dos limites e desafios de se construir projetos terapêuticos de cuidado, algumas estratégias foram propostas e operacionalizadas pelo Caps 24hs no qual esse corpo em aflição estava inserido. Casos *difíceis* foram discutidos, um grupo foi realizado para estudar determinadas psicopatologias, o quadro de ofertas de cuidado foi reformulado, a proposta de acompanhamento terapêutico (At) foi apresentada.

Em dezembro de 2007, em uma das reuniões do grupo de trabalho sobre acompanhamento terapêutico, discutia-se a dificuldade de desenvolver o cuidado a esse corpo aflito. Tratava-se de uma adolescente de 17 anos, que tinha como hipótese diagnóstica Transtorno de Conduta, com possibilidade de progressão para o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Anti Social. Foi encaminhado para o Caps pelo Conselho Tutelar, sob alegação de prisão domiciliar. O adolescente apresentava um histórico, que se iniciou aos 15 anos, de passagens pelo Conselho Tutelar, encaminhamentos ao Ministério Público e internações na Urgência em Saúde Mental. Passou, ainda, por acolhimento inicial junto ao Caps de atenção à criança ou adolescente (Caps i/ad). Apresentava comportamentos de agressividade, sem demonstrar arrependimento ou processos de empatia. Relatava-se depredação do patrimônio público, ameaças, assédio a mulheres¹⁰, atos destrutivos ou agressivos contra o outro, humano ou não (heteroagressões) e contra si mesma (autoagressões).

¹⁰ Como tentou “agarrar” a professora, lhe tiraram da escola. Hoje, não estuda. No Caps, assediou algumas mulheres, escrevendo bilhetes, frases pelas paredes, dando-lhes beliscões nas nádegas, tentando beijar-lhes a boca. Situações que lhe endereçavam para a Urgência Mental.

O objetivo imediato do manejo era tentar amenizar os danos de alguns comportamentos, evitando a provável internação no sistema prisional bem como ampliar seus laços sociais e seu espaço de circulação. Estava prestes a completar a sua maioridade penal, sofrendo constantemente ameaças pelos seus pais, os quais alegavam que a internariam ou a entregariam à polícia.

Circulava apenas de casa ao Caps e do Caps para casa, sempre acompanhada por um de seus pais. Às vezes, a essa trajetória, acrescentava-se estadas na Urgência Mental. Seus pais também eram insistentes por internações de longa duração, inclusive, tentaram, por diversas vezes, interná-lo em clínicas psiquiátricas privadas. No Caps, não aderiu às oficinas terapêuticas ofertadas, participando apenas eventualmente.

Compondo a linha de cuidado, propôs-se, então, o desenvolvimento de experimentações de acompanhamento terapêutico¹¹. Parecia ser preciso *emprestar* para ela um corpo, dar a mão, acompanhar. Um corpo mais uma vez marcado como embotado afetivamente, precisava encontrar o *socius*, nele experimentar novas relações, afetando e por ele sendo afetado. Um corpo preso dentro de *casa*, na casa de seus pais e na sua casa-forma, precisava ganhar os ares da cidade, circular, ousar novos habitares. Compus os grupos de discussão acerca dessa estratégia clínica e, via Projeto Movimentos, fiquei responsável por realizar seu acompanhamento.

- O que você está fazendo no Caps?
- Me tratando.
- Qual é o seu problema?
- Algum problema mental.
- O que você está buscando?

¹¹ A experiência de At é considerada um avanço no contexto das discussões sobre o cuidado em saúde mental. Somente ocorre em serviços com orientação psicossocial, cuja principal função é evitar a internação e a centralidade na psicopatologia.

- Estou buscando ajuda.
- Problema mental? Qual seria o seu?
- Rejeição.
- Que tipo de ajuda?
- Gostaria que todos tivessem compreensão que eu quero ser homem e aceitarem isso (caderno 7¹², 13/02/08).

Ressalte-se que sua primeira hipótese diagnóstica foi a de Transtorno de Identidade de Gênero, conforme se pode apreender de um trecho de entrevista com profissional documentada por Vasconcelos em “Loucos e homossexuais: consumidores como outros quaisquer”:

Ela não é homossexual (...) tem transtorno de gênero mesmo. (...) Ela não é trans ainda. Ainda, certo? Ela é uma candidata seríssima a ser transsexual. Ainda não tá podendo tomar essa decisão sozinha. Mas ela tem o que a gente chama de transtorno de identidade de gênero. (...) Ela tem uma mente masculina presa num corpo feminino. (...) Pelo CID 10 é um transtorno (...) porque (...) causa sofrimento. [Não se trata de] um transtorno, (...) [de] personalidade, [ou] (...) um transtorno (...) psicótico ou depressivo. Não. [Trata-se de um] (...) transtorno das coisas, das funções fisiológicas. Como um transtorno de apetite, como o transtorno do sono (VASCONCELOS, 2008).

¹² Conversa entre ele e outra profissional. O caderno era instrumento de diálogos, que não se restringiam a conversas entre mim e o usuário. Outros trabalhadores também utilizavam tal instrumento para interagir com ele.

A partir do conceito de *biopolítica*, desenvolvido por Michel Foucault, e da compreensão, apontada por Simone Paulon, de que a instituição *moral* parece ser a âncora de todas as demais instituições, Vasconcelos sinaliza que o sentido da Educação (para a vida, para o corpo e para a saúde) parece ser o de “garantir uma socialização padronizada”, esta sob a “égide (...) capitalística”. A pedagogia que aí aparece é a de um mecanismo para operacionalizar tal função. Neste sentido, educação e pedagogia teriam por objetivo “educar e formar corpos e sujeitos, construindo para eles um possível pré-estruturado” (VASCONCELOS, 2010, p. 279).

Segundo a autora, “partilhando das normas de gênero estabelecidas pela vontade de uma ordem sexual vigente”, o Caps veicula uma pedagogia, por meio da qual se naturaliza a heterossexualidade (p. 292). Desse modo, o Caps não necessariamente escapa do acoplamento com a forma-homem, padrão que contempla as formas do masculino e do feminino, assim como, atribui condutas corporais específicas aos comportamentos de gênero. É desde esse lugar que a educação física propõe futebol para os homens e dança para as mulheres, por exemplo.

A partir dos estudos *queer*, Bento (2006, p. 21) assinala que o corpo-homem e o corpo-mulher são fabricados “por tecnologias precisas”, constituindo-se por meio de aparatos culturalmente inscritos para assim os compor. Perspectivado dessa maneira, a dicotomia natureza (corpo) *versus* cultura (gênero) perde o sentido: “gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São estes sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade” a um corpo generificado (BENTO, 2006, p. 90).

Costumava introduzir objetos na vagina, tais como papel higiênico, restos de frutas ou objetos que pudessem causar a impressão de volume como de um pênis.

- O que mais você quer falar?

- Coloquei uma, duas mangas nas partes (caderno 7, 12/03/08).

- Coloquei laranja, papéis e garrafa pet.

- Tem tudo isso agora com você?

- Tem. Será que já se transformou em pinto?

- E tu achas que vai se transformar em pinto?

- Não sei, espero que sim. Me dê uma pinta de presente no meu aniversário.

- Como eu vou te dar uma pinta de presente?

- Comprando uma postiça (caderno 7, 07/01/08).

Negava-se a tomar banho¹³, tendo várias vezes quebrado os chuveiros do Caps. Evitava qualquer tipo de cuidado, proteção ou embelezamento de seu corpo. Usava bermudas masculinas e duas camisas sobrepostas para tentar esconder as mamas. Não depilava as pernas, raspava a cabeça quase todos os dias porque “homem não tem cabelo”. Por vezes, machucava o couro cabeludo pelo uso inadequado e constante dos aparelhos de barbear. “Homem não tem cabelo, fala grosso, é grosso; mulher é fraca e tem cabelo comprido”, me dizia.

- E os riscos pra tua saúde?

- Eu não me importo. Contanto, que eu pareça homem, tá bom para mim.

- É importante você se parecer homem?

¹³ A ausência de higiene corporal, a falta de banho ou cuidados com asseio corporal figuram como características presentes num transtorno de conduta.

- É, bastante. Eu gosto de impressionar as mulheres com minha pinta gigante.
- E o que você acha que é preciso para ser homem?
- Ter pinta e não ter peitos (caderno 7, 07/01/08).

Apesar do tema em questão ensejar para as discussões de gênero e sexualidade, que poderiam aqui ser enfocadas, opto por me desviar do foco de análise dos estudos de gênero e sexualidade, para considerar o que se pôs a mim como questão de pesquisa. Tal desvio proposital não tem como objetivo relegar tal discussão, mas definir, como corte de análise, as possibilidades de produção do corpo situadas aquém e para além dos estratos. Não sabemos o que o corpo pode, pede, quais forças solicitam passagem. Colocando em suspensão as classificações homem ou mulher, *hetero*, *homo*, *bi*, *transexual* ou..., não intento aqui descrever possibilidades pré-estruturadas de fabricação de um corpo. No encontro com o corpo em sua produção cotidiana, parto à caça de outras possibilidades de entendimento sobre o ele. Ao invés de séries binárias de classificação, o que pode ser, o que pede um corpo? Foi essa questão que orientou meu *acompanhar*.

Dentro do mar tem rio. Dentro de mim tem o quê?

Para se planejar uma determinada intervenção sobre um corpo, pode-se partir dos entendimentos vigentes sobre ele. A entrevista realizada por Vasconcelos com um profissional de saúde mental ressalta tal possibilidade:

Então, o que é que a gente pensa? É o seguinte. Ela não consegue conviver bem com um corpo de mulher, tendo uma mente masculina. Então ela não aceita o corpo e toma atitudes que são auto-mutilantes. Isso é um transtorno porque ela se fere. Deixa só eu te perguntar uma coisa porque aí é (...) se

em um determinado momento, a homossexualidade tava no CID porque causa sofrimento, não é? Sim, sim, sim. Eu fico pensando nessa coisa de identidade de gênero, se não é uma coisa muito mais social que causa esse sofrimento, de identidades muito constituídas, da pessoa não poder desviar, do masculino, do feminino, do homem e da mulher... Hamham. Eu acho que tem sim uma influência social importante. Mas no caso da identidade de gênero, é mais uma coisa pessoal (...). É a coisa que não aceita o corpo que ela tem. É como um transtorno dismórfico corporal, por exemplo. Em que eu acho que o meu nariz é muito grande e esse nariz muito grande me causa horror (VASCONCELOS, 2008).

Sempre se parte das estratificações. Porém, ao se fincar aí as intervenções colando-se às classificações, corre-se o risco de perder o processo inventivo do corpo ao se refazer no conjunto das práticas. Com isso, o que quero dizer não é que a análise feita pelo profissional não esteja correta em conceito e linguagem, fazendo parte do campo de saber-poder-fazer da ordem médica. Apenas não é somente com isto que eu, como ator social da educação física na saúde, me encontrei, ao fazer parte da construção do projeto terapêutico desse usuário.

Neste acompanhar, algumas possibilidades de compreender o corpo e a relação com o corpo foram emergindo. A partir de um agenciamento entre o que aparece nas prescrições culturais sobre o que seja um corpo-homem ou corpo-mulher, nas descrições dos prontuários sobre o corpo, e o desejo que pede passagem por outro corpo, pode-se fazer a escuta do que o corpo que nos chega demanda, deseja. Trata-se deixar emergir as relações que o constituem, lugar de um não saber sobre o corpo, sobre o que ele é, ou o que pode vir a ser.

Dentre as dificuldades apresentadas pelo *caso*, uma delas se referia à forma como era tratado, à falta de aceitação das pessoas, principalmente, dos

pais. Estes discordavam e não aceitavam as suas escolhas no que se referia ao seu modo de vestir, seu desejo por pessoas do *mesmo sexo* (meninas) e o desejo de ser homem, ter um corpo de homem. “Se a sociedade divide-se em corpos-homens e corpos-mulheres, aqueles que não apresentam essa correspondência fundante tendem a estar fora da categoria humano” ou serem, constantemente, lembrados de que não são o que desejam ser e que devem, a todo custo, retomar as normas regulatórias de gênero e de sexualidade (BENTO, 2006, p. 25).

Perguntei como gostaria que eu *a* chamasse. *Ela* respondeu que gostaria de ser chamada por *Arthur*, nome que passei a usar em sua referência em todos os espaços, inclusive sem a sua presença, com exceção de quando estávamos na presença de seus pais, pois, segundo Arthur, isso dificultaria a sua vida em casa. No início, chamar-lhe por Arthur, respeitando o seu desejo, causou-lhe estranhamento. Segundo ele, todos negavam o seu desejo de ser homem e tratavam a isto como distúrbio. Com o tempo, foi se estabelecendo um vínculo e tal estranhamento foi se dissipando, inclusive seus pais já sabiam que lhe chamava por Arthur. “De agora em diante eu poderia chamar qualquer coisa pelo nome que eu inventasse: no quarto seco se podia, pois qualquer nome serviria, já que nenhum serviria” (LISPECTOR, 2009, p. 95). O nome foi agenciador do vínculo com um corpo que pedia passagem, o nome que era dado por ele e não pelos outros, chamamento do corpo de que Arthur tinha notícias.

Os acontecimentos provocados pela aceitação de seu fluxo desejante, o respeito a sua ressingularização demandaram um modo de cuidado com o corpo que não se referia apenas a um corpo biológico, social ou psicológico, mas a um corpo em criação. Corpo, matéria em explosão que não cabia nos nomes e classificações, borrando definições a todo o momento. Um corpo que, mais que ser classificado, precisava se experimentar.

O cuidado do adolescente foi pactuado nas reuniões de equipe, decidindo-se os seus cuidadores de referência. A linha de cuidado definiu-se por

atendimento psicológico e de terapia ocupacional, participação na oficina de sexualidade e acompanhamento terapêutico.

Os *passeios* começaram a partir de pactos realizados com Arthur que, pela primeira vez, saía sem a presença da mãe ou do pai para o encontro com a cidade.

Onde será que isso começa. A correnteza sem paragem. O viajar de uma viagem. A outra viagem que não cessa. Cheguei ao nome da cidade. Não a cidade mesma espessa. Rio que não é Rio: imagens. Essa cidade me atravessa. Ôôôô êh boi êh bus. Será que tudo me interessa? Cada coisa é demais e tantas. Quais eram minhas esperanças? O que é ameaça e o que é promessa? Ruas voando sobre ruas. Letras demais, tudo mentindo. O Redentor que horror, que lindo. Meninos maus, mulheres nuas. Ôôôô êh boi êh bus. A gente chega sem chegar. Não há meada, é só o fio. Será que pra meu próprio Rio. Este Rio é mais mar que mar. Ôôôô êh boi êh bus. Sertão é mar (VELOSO, 2007).

No primeiro passeio, pegamos um ônibus em frente ao Caps. Nosso destino era um calçadão da Rua 13 de Julho, local movimentado por pessoas em suas atividades físicas. Ao entrar no ônibus, percebi a sua dificuldade corporal de manter o equilíbrio no veículo em movimento, demorando a chegar até a roleta. Carregava o dinheiro dado pelo pai para pagar a passagem, o que havia sido difícil, pois, sempre que podia, utilizava o dinheiro para compra de aparelhos de barbear, com a intenção de manter a cabeça sempre raspada.

Sua aparência, a cabeça raspada, as roupas largas, e os movimentos lentos e desequilibrados geraram o comentário de uma senhora: “ele é doentinho?”, perguntou ela. Ficamos os dois sem responder. Naquele momento, percebi que era no contato com as pessoas na rua que nossas práticas começavam a fazer

sentido. A réplica para a senhora não saiu, mas o encontro com a resposta se fez. Estávamos em frente ao deserto, no meio do ônibus lotado, trafegando pelas ruas da cidade de Aracaju, em um encontro com a institucionalização da loucura, com a produção cotidiana de sua estigmatização, mas não só dela, encontrando-nos também com muitas outras formas de preconceito. Como G.H., dentro do quarto às dez horas da manhã, “o deserto diurno estava a minha frente” (LISPECTOR, 2009, p. 94). Ou o grande mar...

Alguns encontros se sucederam após este primeiro. Um tema que discutimos foi, se para ser homem, devia-se ou não ter cabelo comprido, como se houvesse uma única forma de ser homem.

Cabelo eu corto para ficar com cara de homem.
Roupa, eu quero roupa que não tenho. Banho, uma vez por mês já basta (caderno 7, 17/12/07)

- E o cabelo? E as roupas?
- Cada vez mais estilo macho melhor.
- O que é estilo macho?
- Roupas folgadas, roupas pretas e azuis.
- E o cabelo?
- Raspado no máximo possível.
- Será que só existe uma forma para ser homem?
- Para mim só existe essa.
- Então, se eu tenho o cabelo comprido e uso roupas coloridas não sou homem?¹⁴

¹⁴ Ressalta-se que eu usava cabelo comprido e roupas coloridas.

- Não sei, você parece homem, não sei de nada (caderno 7, 07/01/08).

Elegemos alguns temas para trabalhar durante os passeios. Um desses temas foi a sua dificuldade com o banho. Tentava discutir o tema da higiene corporal, produzir bifurcação no seu desejo de não tomar banho, atrelando-o ao desejo de ter uma namorada. Depois de várias tentativas de banho no Caps e de comportamentos que continuavam a se repetir, quebrando os chuveiros e irritando os demais usuários, marcamos um passeio à praia, lugar em que, desde criança, não mais tivera acesso. Mudamos de estratégia, de lugares de circulação, como o calçadão, as praças e os parques, agora, nos aventuraríamos com a praia.

Andei experimentando os poços mais fundos durante uma semana e não consegui nada, pensou. Hoje vou tentar mais para o largo, por onde andam os cardumes de peixes menores, e pode ser que encontre um grande entre eles (HEMINGWAY, 1952/2009, p. 33).

No dia do passeio, Arthur demonstrava ansiedade, chegou aparentando ter mais volume do que o habitual por baixo da bermuda. Notei que, nos últimos encontros, cada vez mais aumentava o volume de objetos que ele escondia sob as bermudas.

Quando chegamos à praia, ficou olhando fixamente para o mar. Caminhava com dificuldades de equilibrar-se pela areia. Olhos atentos e encantados, estranhamento visível. Sentamos e ficamos conversando sobre o mar, sobre como era grande, sobre como suas águas se movimentavam e sobre as ondas. Até que surgiu o desafio de tomarmos um banho.

Quando entrou no mar, seu corpo tremia, seu desequilíbrio aumentou, não conseguia ficar em pé e as ondas o jogavam no chão. Voltava com dificuldade a se levantar, mas não tirava os olhos fixos das ondas. Pediu-me que

lhe desse as mãos para não se afogar e manter-se em pé. Olhos assustados com a força do mar e, pouco a pouco, via-se restos de objetos, frutas e papéis serem levados pelas ondas. Com o corpo molhado, tentava ficar em pé.

O mar fazia questões ao seu corpo, produzia desequilíbrio, dificuldades antes não experienciadas pelo corpo, sensações.

Dentro do mar tem rio, dentro de mim tem o quê?
 Vento, raio e trovão, as águas do meu querer. Dentro
 do mar tem rio, lágrimas, chuvas, aguaceiro. Dentro
 do rio um terreiro, dentro do terreiro o quê? Dentro
 do raio trovão, o raio logo se vê, depois da dor se
 ascende tua ausência na canção, deságua em minha
 paixão, coração num berreiro, dentro de você o quê?
 Chamas de amor em vão, mar de sim e de não.
 Dentro do mar tem rio, calma e trovão, dentro de
 mim tem o quê? Dentro da dor a canção, dentro do
 guerreiro a flor, dama de espada na mão, dentro de
 mim tem você, beira-mar. Beira-mar, He He beira-
 mar, cheguei agora, He He beira-mar. Beira-mar,
 beira de rio. He He beira-mar (MENDES &
 CAPINAN, 2007).

Neste dia, como lhe era de costume, estava com várias frutas e objetos por dentro da bermuda, dando volume, mas que, com a força das ondas, caíam. Tentava pegar, mas era impossível. “Não posso impor ao grande mar os ímpetus de braços e pernas, senão eu afundo, é preciso combinar as nossas forças” (ORLANDI, 2009).

O corpo já não podia ser homem ou mulher, tinha, antes, que ser corpo em agenciamento com o mar. Caçar (pescar) um corpo, que só existia em estado *larvário*. Ao invés de, simplesmente, reinvidicar uma identidade de gênero diferente da *natural*, o corpo passaria a fazer paródia do gênero, lugar de “manifesto, de contra-discurso, reinscritura à ordem de gênero (BENTO, 2006,

p. 85). Mar não tem gênero definido, depende da relação que se estabelece. Depende de quem navega.

O velho pensava sempre no mar como sendo *la mar*, que é como chamam em espanhol quando o verdadeiramente querem bem. Alguns dos pescadores mais novos (...) ao falar do mar dizem *el mar*, que é masculino. Falam do mar como de um adversário, de um lugar ou mesmo de um inimigo. Entretanto, o velho pescador pensava sempre no mar no feminino e como se fosse uma coisa que concedesse ou negasse grandes favores, mas se praticasse selvagerias ou crueldade era só porque não podia evitá-lo (HEMINGWAY, 1952/2009, p. 32).

Mar como híbrido, *entre* o masculino e o feminino. As forças de suas ondas rompiam o corpo de Arthur. O banho de mar lhe permitia outra relação com a água, uma relação horizontal, diferente da relação que estabelecia com os banhos *agridoces* no chuveiro. Mudança de território, processo de desestabilização do corpo.

- Achei interessante, achei estranho, o banho, mas não me arrependi de nada que eu fiz.

- Como assim, não me arrependi de nada que eu fiz?

- A respeito do banho, eu não me arrependo disso.

- Podemos ir ao Caps para você tomar um banho acompanhado?

- Sim (caderno 7, 31/01/08).

Combinamos de ir a um Caps 24h, localizado próximo à praia, para que ele pudesse tomar uma chuveirada, a fim de tirar o sal da água do mar. A partir do banho de mar, outros banhos fizeram-se possíveis. Pela via de contato entre o corpo e a água, abriu-se outras possibilidades de cuidado entre os corpos dos trabalhadores e Arthur.

- Como percebe o seu corpo? [Atividade expressiva com massa de modelar]

- Eu vejo meu corpo como fezes, como nada. Por isso usei massa branca. Eu, às vezes, crucifico ele por ter vergonha e nojo dele. Eu tenho medo de ficar doente, mas faço assim por teimosia mesmo e ódio do meu corpo. Eu preciso me gostar para poder viver um pouco melhor, mesmo odiando meu corpo. Aos poucos, eu vou conseguir me tocar. O que eu quero é mais roupa de homem, umas roupas que possam esconder os peitos e as partes de baixo. Tomar banho é difícil, mas irei tentar. Eu até roubei uma roupa por falta de uma. Eu prometo pensar em tomar banho. Só isso. Tenho que começar aos poucos. Eu desenhei dois bonecos se abraçando, sou eu abraçando eu mesmo. (...) Eu quero um presente seu, uma camiseta. E aí, pode ser? (Atividade realizada pelo Terapeuta Ocupacional e documentada no caderno 7, 14/02/08).

Arthur-Santiago, vai ao encontro com o grande mar depois de fisgar um enorme espadarte (seu corpo, sua grande razão), e ser arrastado para as grandes correntezas: “avançava regularmente e foram-se afastando devagar sobre a água calma do mar” (HEMINGWAY, 1952/2009, p. 48). O encontro com o mar permitiu que o seu corpo fosse pensado antes de ter forma, de ser ele homem ou mulher, masculino ou feminino. As discussões que se seguiram versaram sobre os diversos modos de vivenciar o gênero, ou seja, os diversos modos de vivenciar masculinidades e feminilidades, desconstrução do formato homem ou do formato mulher definidos pelas normas de gênero.

Hemingway e Lispector parecem descrever sobre o encontro com o intempestivo das forças de um deserto de águas e de um mar de areia. Um

deserto povoado por forças capazes de produzir diferença. Possibilidade de recomeço, de introduzir o novo. “Lá no meu sertão plantei sementes de mar, grãos de navegar, partir. Só de imaginar eu vi, água de aguardar, onda me levar, eu quase eu fui feliz. Mas nos longe onde andei, nada de achar, mar que semeei, perdi” (ARANTES & CESAR, 2007).

O encontro com o mar não só modificou a relação de Arthur com a água, mas inundou sua vida de outras possibilidades. Arthur acreditava em uma forma-corpo-homem e não em seu corpo como produção de um ser-homem em um corpo de biologia feminina. As discussões sobre o cuidado dele com o seu próprio corpo passaram a ser possíveis, pois não havia problema algum em querer ser homem e ter um corpo de mulher.

Durante os passeios e nos espaços terapêuticos dentro do serviço com outros profissionais, tentávamos achar uma forma de diminuir os danos de suas escolhas. Uma das conquistas foi a diminuição dos cortes na cabeça devido ao uso inadequado dos aparelhos de barbear. Já nos primeiros meses, pactuamos que nossos passeios estavam atrelados ao cumprimento de metas e pactos negociados em nossos encontros.

- Como você conseguia as coisas em casa?

- Quebrando as coisas.

- Por quê?

- Para realizar os meus desejos.

- Por que não quebra mais?

- Para não ir para o São José ou o São Marcelo [duas clínicas psiquiátricas da cidade] (caderno 7, 27/12/07).

Enfrentávamos a dificuldade de pactuação e de cumprimento dos tratamentos por parte dos pais. As dificuldades de cuidado com Arthur não eram

conseqüências apenas do transtorno, mas de processos de aprendizado, modos de relacionamento familiares e sociais.

- Eu quis vir para cá porque não agüentava tanta ameaça. Se eu sou assim, gosto de ameaçar, é porque aprendi com eles [refere-se aos pais] (caderno 7, 27/12/07).

- Você sabe o que é cumprir um trato?

- Não, a maioria das pessoas mente para mim, mas você eu acho que eu posso confiar (caderno 7, 17/12/07).

Fez parte do processo de cuidado a emergência de um entendimento sobre o corpo. Não bastava ter um corpo biológico de homem para poder ser homem, mas conquistar um certo contorno em seus comportamentos para que pudesse sustentar suas escolhas sem que necessitasse agredir os demais.

Arthur demonstrava dificuldades de negociação, já que estava acostumado a ameaçar quando contrariado. Limites foram expostos e praticados, a fim de criarmos um contorno do que poderia ou não ser negociado. Nem sempre correspondíamos às suas expectativas. Conforme como foi já relatado, logo no começo de nossos passeios, estabelecemos critérios e pactuações, dos quais dependiam nossas saídas.

Eu gostei do passeio, aprendi que nem sempre você vai dizer sim (caderno 7, 27/12/07).

Foi a partir do encontro com o mar, do fascínio pelo mar, das questões apresentadas pelo mar, que conseguimos acesso para conversar com o seu corpo.

- É por isso, porque você tem seios e não tem pinta que você não gosta de tomar banho?

- Não e é, ao mesmo tempo, eu tenho medo de água e não quero ver meu corpo (caderno 7, 07/01/08).

O encontro com o mar não eliminou a dificuldade com o banho. Demonstrou, porém, que não era impossível que o banho, de alguma forma, lhe fosse agradável ou favorável, a ponto de, algumas vezes, ele solicitar tomar banho no Caps:

- O que você acha do banho hoje?

- Isso é uma escolha sua.

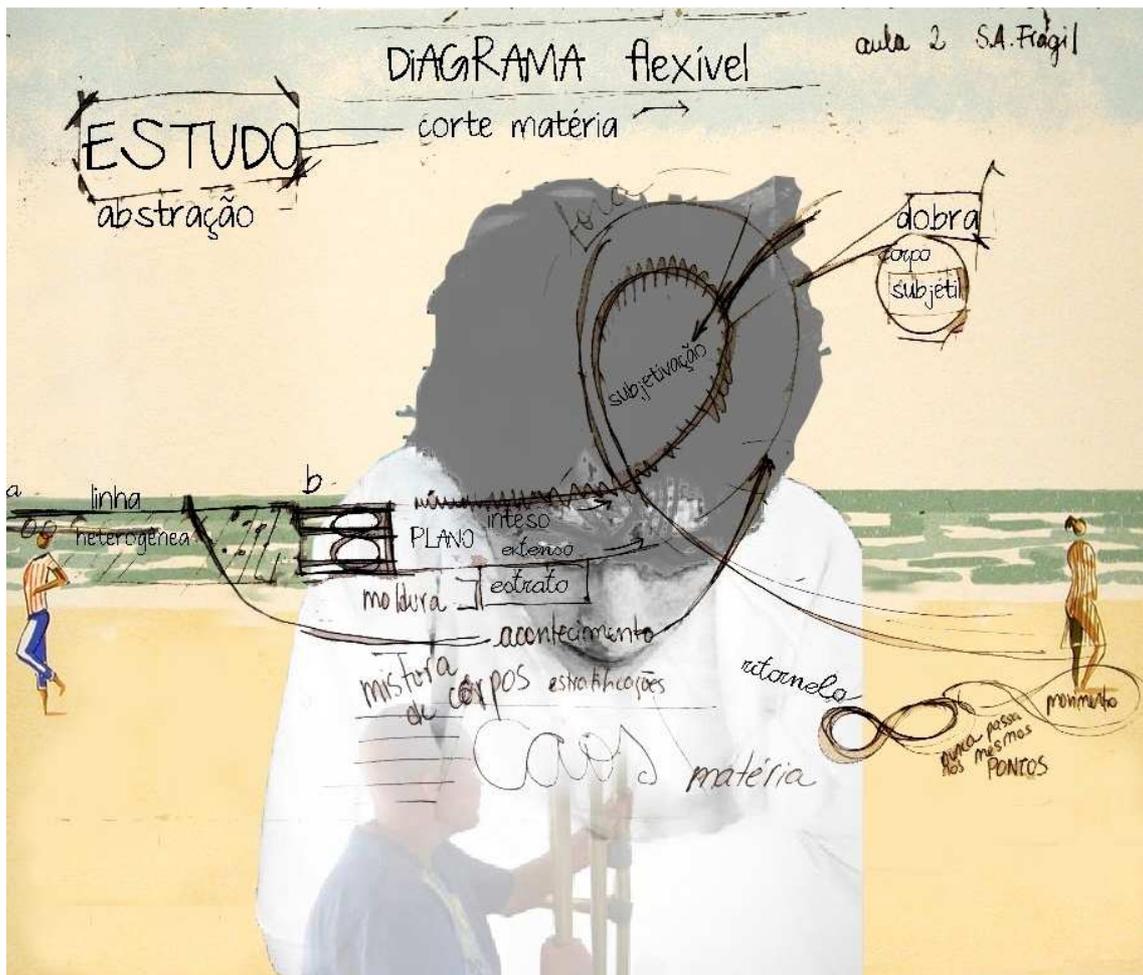
- É para aliviar meus problemas em casa, mas não repare nas coisas que eu coloquei que são assustadoras (caderno 7, 14/02/08).

Em outro encontro, ao conversarmos sobre algumas situações de risco a que ele se submetia, sinalizei que ele já havia conseguido controlar algumas condutas que antes lhe traziam danos: não machucar a cabeça ao raspar o cabelo, controlar o impulso de raspar o cabelo todos os dias, utilizar aparelhos de barbear limpos e não os que ele encontrava em qualquer lugar e tomar banho quando tinha necessidade (caderno 7, 18/09/08).

Suas escolhas foram variando no decorrer do tempo. Num primeiro momento, usava roupas largas, bermudas masculinas e cabeça raspada. Posteriormente, resolveu usar roupas mais femininas e deixar o cabelo crescer um pouco. Logo em seguida, usava roupas masculinas e raspava novamente o cabelo. Existiram momentos em que dizia sentir-se atraído por mulheres e seus comportamentos eram de acordo com o que acreditava ser os comportamentos de um homem ao se aproximar das mulheres, reproduzindo um estereótipo machista, vulgar e agressivo. Neste período, ocorreram várias situações de desrespeito e abuso, inclusive, com trabalhadoras do serviço de saúde mental.

Corpo larvário sob um corpo subjetivado, perspectivado pelos constantes jogos de força estabelecidos na cultura. No cuidado com Arthur, parece que

conseguimos tracejar outras formas de produzir o corpo, forças do desejo e não da ordem. Há que se ter prudência, alerta Deleuze. “Pequenas injeções de prudência” para que não se perca nas linhas de desterritorialização. Diferente de uma apologia à produção de farrapos humanos, uma dose de prudência nos permite que nosso corpo não se desterritorialize de tal forma que não consiga materialidade de expressão. Forças passam no encontro com o intensivo. O encontro deixa de ser o extensivo de corpos físicos de afeto e percepção, para “arrancar um ser de sensação”, para arrancar os afectos e os perceptos, para ser um encontro intensivo, um encontro com o grande mar (DELEUZE & GUATTARI, 1996; 1992).



Por uma educação física agenciadora de práticas corporais singularizantes

Todas as opiniões que há sobre a Natureza, nunca fizeram crescer uma erva ou nascer uma flor. Toda a sabedoria a respeito das cousas, nunca foi cousa em que pudesse pegar como nas cousas; Se a ciência quer ser verdadeira, que ciência mais verdadeira que a das cousas sem ciência? Fecho os olhos e a terra dura sobre que me deito tem uma realidade tão real que até as minhas costas a sentem. Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas (CAEIRO, 2007/1918, p. 116).

Conhecemos muito pouco do corpo. Tentamos, a todo momento, fixá-lo, formatá-lo, classificá-lo, representá-lo, como se uma forma, uma substância, uma palavra, um discurso, um saber pudesse bastar, acalmando nossas angústias de não saber de antemão o que é, o que pede e o que pode um corpo. Quando dizemos saber o que é Corpo, com “c” maiúsculo, não sabemos.

Desprezamos o corpo. Conforme Giaóia Jr. (2002, p. 199), esse *desprezo* é fruto de uma tradição filosófica que se apegou a valores superiores em detrimento do que “nos é mais próximo, o corpo”. Esse corpo desprezado é subjetivado como lugar do pecado, do erro, das paixões, das emoções, dos sentimentos, de tudo aquilo que nos aprisiona e nos deixa distantes do mundo ideal, do mundo do espírito, do mundo das idéias, do mundo perfeito. Segundo o autor, com exceção de Spinoza e Nietzsche, o desprezo pelo corpo fez dele um eterno marginal, prisioneiro, por isso, não seria à alma que temos que libertar, mas o corpo.

Parte significativa do esforço de Nietzsche consistiu em reverter essa depreciação do corpo, “desconstruindo o primado atribuído à alma pela cultura

ocidental, primado que tinha por base o dualismo metafísico entre espírito (mente) e corpo”. Tal dualismo foi reatualizado pela filosofia cartesiana, principalmente, por meio da crença na unidade metafísica da alma e em um Deus fundamento e justificação do universo. Trata-se, pois, da reatualização do platonismo “no qual o núcleo da subjetividade se identifica com a unidade simples da consciência” (GIACÓIA Jr., 2002, p. 201).

A partir de Nietzsche, pensa-se que não se trata de uma tomada de consciência do corpo, como se a partir desta pudéssemos dizer o que por ele passa, pois “poderíamos passar sem a consciência [, uma vez que] (...) quase todos os processos fisiológicos fundamentais da vida vegetativa, e mesmo sensitiva, está ausente a qualidade psíquica da consciência” (GIACÓIA Jr., 2001, p. 31). A consciência mais atrapalha do que ajuda na compreensão do corpo como potência, principalmente, se ela não for utilizada como uma ferramenta, uma “ferramenta da mesma maneira como o estômago é uma ferramenta para digestão” (GIACÓIA Jr., 2002, p. 200).

A desconstrução do primado da consciência no domínio psicológico passa, assim, por entender o corpo como a “grande razão” e a consciência apenas como um dos seus órgãos. Por isso, um combate à organização do organismo. Por isso, construir um Corpo sem Órgãos para si, ao invés de tomar consciência de si. “Em uma ironia socrática, conhecer-se a si mesmo, na medida que significa tomar-consciência-de-si, implica em perder-se de si mesmo” (GIACÓIA Jr., 2001, p. 40). Caeiro nos diz em primeira pessoa:

Eu nunca guardei rebanhos, mas é como se os guardasse. Minha alma é como um pastor. Conhece o vento e o sol e anda pela mão das Estações, a seguir e a olhar. Toda a paz da Natureza sem gente vem sentar-se a meu lado (...) Sinto um cajado nas mãos e vejo um recorte de mim. No cimo dum outeiro, olhando para o meu rebanho e vendo as minhas idéias, ou olhando para as minhas idéias e vendo o

meu rebanho, e sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz e quer fingir que compreende (CAEIRO, O guardador de Rebanhos, 2007/1912, p. 13).

Nietzsche desmancha a unidade de um *eu penso* e de um *eu quero* (GIACÓIA Jr., 2002, p. 202). Ele rompe com o primado da consciência por meio da construção de uma concepção pluralista da consciência, em que esta não pode ser pensada como o atributo da substância “Eu”, mas sim, a partir de uma percepção pluralista da subjetividade. Apresenta-se contra a idéia de uma unidade da vontade, que só pode ser unidade enquanto unidade verbal, já que todo ato de volição é múltiplo (GIACÓIA Jr., 2002). O corpo que emerge dessa multiplicidade é sempre potência: finito, porém ilimitado.

Se combatermos a idéia de uma consciência do *Eu* e do primado da vontade, podemos avançar no processo de entendimento do corpo:

O corpo não pode, pois, ser pensado no mero registro do somático, do biológico, daquilo que *stricto sensu* se denomina fisiologia. O corpo tem impalpável concretude de um campo de forças, ou de uma superfície de cruzamento de infinitas perspectivas. No corpo fala a linguagem dos sinais, a natureza do corpo é a de uma semiose infinita (GIACÓIA Jr., 2002, p. 212).

O corpo é intensidade de forças e não se reduz às nossas explicações biológicas, nem ao conjunto de nossas práticas sociais e antropológicas ou culturais. Muda de forma, sempre em um jogo, em uma luta. Perspectivado desse modo, o corpo sempre nos surpreenderá, pois não há como saber o que pode um corpo, porque o corpo sempre poderá mais, porque não podemos reduzi-lo à nossa “pequena razão”, ao nível da consciência (GIACÓIA Jr, 2001; 2002). Como atores sociais da educação física, caçadores de sensações, de alegria, de vida, o que podemos é acompanhar seus movimentos. Esse

acompanhar pode nos possibilitar atualizar nosso campo de saber, mudar nossos valores, transvalorar nossas práticas, a ponto de não nos reconhecermos como os mesmos, a ponto de ovular a educação física.

Corpo professor de educação física, trabalhador do SUS, preocupado em desenvolver um cuidado em saúde mental. Metamorfose do corpo em inseto, em um grande inseto estranho. Então, um dia acordamos em nosso quarto de humanos prontos para sair e seguir nossas vidas de caixeiros viajantes, quando somos surpreendidos com um grande corpo:

ao levantar a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas (...) suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos. O que aconteceu comigo? - pensou” (KAFKA, 1985/1997, p. 07).

Conjecturei:

Também sei fazer conjeturas. Há em cada coisa aquilo que ela é que a anima. Na planta está por fora e é urna ninfa pequena. No animal é um ser interior longínquo. No homem é a alma que vive com ele e é já ele. Nos deuses tem o mesmo tamanho. E o mesmo espaço que o corpo. E é a mesma coisa que o corpo. Por isso que se diz que os deuses nunca morrem. Por isso os deuses não têm corpo e alma. Mas só corpo e são perfeitos. O corpo é que lhes é alma. E têm a consciência na própria carne divina. A neve pôs uma toalha calada sobre tudo. Não se sente senão o que se passa dentro de casa. Embrulho-me num cobertor e não penso sequer em pensar. Sinto um gozo de animal e vagamente penso. E adormeço sem menos

utilidade que todas ações do mundo (CAEIRO, 2007/1918, p. 155).

Educação física que prescreve, interfere sobre corpos para serem ou brancos ou negros/ou homens ou mulheres/ou sadios ou doentes/ou magros ou gordos/ou sarados ou franzinos/ou normais ou deficientes. É dessa educação física e de suas práticas corporais da forma que almejei – e almejo – me distanciar. A partir dos dois movimentos experimentados por uma educação física que não se quis colada às práticas corporais da forma, aventurando-se perder a sua própria, esbocei nesse estudo uma concepção de corpo que rebenta dos estratos. Em outras palavras, por meio das experimentações corporais narradas nos dois movimentos, ensaiei uma educação física produtora de uma grande saúde e do corpo como grande razão, observando que agenciamentos nos introduzem à produção da re-existência dos corpos, das práticas, da educação física.

A educação física na saúde: o corpo como a grande razão

A educação física na saúde vista sob o prisma do trabalho-formação possibilitou um processo de pesquisa com respeito às concepções sobre o corpo e sobre a função do ator social da educação física, quando em sua atuação área da saúde. A imersão no território de trabalho da saúde, como ocorreu com este ator social da educação física, foi efeito não de um processo de educação formal, mas de uma educação que ocorreu em estágios extracurriculares, vivenciais originais proporcionadas pelo sistema de saúde, como a Vivência – Estágio na Realidade do SUS (VER-SUS). E a singular experiência pessoal de um ator social inquieto que, na busca por uma especialização profissional para atuar em saúde, escassamente oferecida no Brasil, termina encarando o desafio de criar e conduzir um projeto junto à área de saúde mental na cidade de Aracaju/SE, o Projeto Movimentos.

Seguindo o desassossego produzido num território, então, de trabalho-formação, o mestrado em educação surgiu como possibilidade de transformar questões vivas/pulsáteis em questões de pesquisa e escrita sobre o corpo. O corpo emerge como nova informação à educação física. Sua vitalidade se

desprende da forma e, com isso, *corpos* são inscritos ao corpo da educação física e com eles, o ator social da educação física deve encontrar.

Tentei apresentar, ainda que de maneira incompleta, o complexo panorama contemporâneo, onde são forjadas as encomendas institucionais/profissionais aos professores de educação física no trabalho em saúde. A partir de tais encomendas, a tendência é a de tentar atender um corpo *da forma* (saudável, ativo, preparado), uma forma-homem muito bem definida em contornos adensados pela mídia e por uma sociedade de consumo. Tais encomendas parecem ser produzidas dentro de uma lógica do distinguir e determinar. A partir dessa lógica, a definição de um ideal de corpo belo, magro, saudável, sob uma *vida ativa* e com uma mecânica corporal apropriada, passa a regular as práticas dos trabalhadores dos serviços de saúde e a demanda da educação física.

Parece que a encomenda institucional/profissional ganha passagem e força por meio de todo um complexo de saber-poder que não informa pelo que há por descobrir no contato em ato com os usuários das práticas profissionais, mas por um arsenal de conhecimentos e práticas que devem submeter o outro a um *juízo* sobre o *seu* corpo. Neste sentido, com Foucault, ficou claro como o saber se organiza na formação de estratos (enunciados e visibilidades), sendo a partir das estratégias de poder (diagrama) que estes estratos se articulam aos corpos. Nesse plano, o corpo é regrado pelas práticas de educação física como exercício de um saber-poder-fazer, rastelo que lhe impõe um alinhamento, enquanto o vivo ou a saúde (a invenção e produção de vida singular, original, inédita) lhe escapa (DELEUZE G. , 2005/1986).

Os estratos corporais são a forma em demasia, quando o traço sob o contorno dos corpos define demasiadamente suas formas. A educação física se ocupa da forma *demasiado forma* do corpo, sem detectar as aflições de um corpo que dá superfície e existência à vida pulsátil do si e do mundo. Um juízo sobre o corpo, que define e marca a sua forma, quando se demanda, em regimes de verdade, uma educação da saúde.

Foucault destaca que as relações de poder são sempre relações entre forças, ação de uma força sobre outra. Colocar-se à caça da vida dos corpos parece ser um posicionar-se no combate ao juízo destas formas. “Estamos numa formação social; ver primeiramente como ela é estratificada para nós, em nós, no lugar onde estamos” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 24).

Um primeiro rastro da pesquisa apontou para o questionamento das encomendas institucionais/profissionais feitas à educação física na saúde. Pensar a encomenda institucional/profissional dirigida a professores de educação física mostrou-se como um pensar sobre o corpo e seu processo de acontecimentalização. Ao invés de descrever as formas, seguir as linhas, os traços, os fluxos, as multiplicidades, enfim, o movimento de acontecimentos em um trabalho tomado como formação.

As contribuições de Foucault me permitiram pensar o corpo em seu processo constitutivo e não como um objeto natural ou algo dado. Mas o salto conceitual se deu no contato com a literatura-arte de Hemingway, Lispector, Caeiro e Kafka. Pensamentos-artistas em socorro ao pensamento-razão insuficiente para transbordamento que o trabalho-formação impunha.

Esse trajeto nos força a olhar para as práticas, para o que fazem as pessoas, denunciando uma disjunção entre os enunciados e as visibilidades, desarticulando as estratificações. Segundo Deleuze & Guattari (1996, p. 24), é “ir dos estratos ao agenciamento mais profundo em que estamos envolvidos; fazer com que o agenciamento oscile delicadamente, fazê-lo passar do lado do plano de consistência”. Trata-se de sair das estratificações de uma época e acompanhar o que acontece nas práticas cotidianas, percebendo rupturas, deslocamentos, movimentos, dobras sobre si.

Descrevi dois encontros intensivos da educação física: um como prática coletiva construída por meio de uma oficina de capoeira, em um Caps 24hs; outro como prática individual, junto à singularidade adolescente em profunda interrogação sobre o corpo, por meio de um atendimento psicossocial sob a forma de acompanhamento terapêutico. Na capoeira, a educação física *toma* um

espaço *de nada* num Caps 24hs, reunindo trabalhadores, usuários e transeuntes. No AT, a educação física individualiza a praia para um *banho de mar encontro*.

Tal prática singular de capoeira contribuiu para pensar como a educação física pode ser potente para que agenciamentos coletivos se façam. O jogo, a dança e a luta produzindo dobraduras, mudando a concepção de espaço físico de uma *zona* e experimentando *o que pode* um corpo *cronificado* por uma história manicomial, com limitações verbais e interativas. Para que a potência dos corpos se expresse como força disruptiva, linha de fuga do plano estratificado, foi preciso *jogar* com ginga, esquivas, olhar, roda, malandragem.

O banho de mar e as ondas do mar – como encontro singular ou como encontro de estranhamento de si, de desestabilização, de emergência impostergável de um corpo que precisa de ajuda para ser (re-existência) – contribuíram para perceber como pode ser potente ou necessário o contato com a alteridade, o fazer-se outro com o outro, o emprestar seu próprio corpo (de professor de educação física) para a atualização do corpo usuário de práticas (aluno, *paciente, acompanhado*). O banho de mar. Encontro com a areia, a água, movimento irrefutável das águas. Encontro com o *grande mar*, com um *sou eu e não é ninguém*.

Neste contexto, a partir de minha experiência como ator social da educação física, ressalto uma concepção de corpo que acontece no encontro *entre* os corpos. Tal *encontro* trouxe, para cena de trabalho-formação, um processo de cuidado com corpos preenchidos por intensidades, demandando fazerem-se novos. Corpos que se opunham ao julgamento, à forma e à definição. Somente um *entre* poderia surgir entre o *profissional do corpo* e os corpos com que se encontrar. Somente uma pesquisa enquanto caçada por entre acontecimentos poderia se dar.

Parece-me que a nossa função, enquanto atores sociais da educação física, é a de estabelecer mediação, conexão e agenciamento *entre* corpos, para que possamos promover práticas que dêem passagem aos corpos por vir, pautando-nos numa ética do recomeço, de introduzir o novo, de *povoar de ovos* as

práticas. Pesquisar, nesse sentido, foi caçar, nas práticas cotidianas, acontecimentos.

Nas sociedades antigas, o caçador tinha a tarefa de ser o provedor e o descobridor de novas paisagens, novas terras, novos territórios. Era o primeiro a chegar aos novos mundos, porque talvez fosse o primeiro a desejá-los. Desejei – e desejo – o novo da educação física.

A descrição deste *entre*, movimento de acontecimentalização de corpos, parece que produziu uma pista para nos auxiliar na tarefa de re-existirmos enquanto profissionais de saúde às encomendas institucionais hegemônicas. Ao invés de práticas corporais disciplinadoras, podemos acompanhar o corpo que nasce bem ali junto às nossas práticas em encontro com a imanência. Nesta pesquisa, o que chama a atenção são corpos que germinam de corpos e pedem passagem. Trata-se do corpo produzindo dobra sobre si, movimento de vergar-se, fazendo do corpo algo outro. O corpo que se faz corpo. Os acontecimentos do corpo produzindo um recomeço. *Corpo dos corpos*.

Referências Bibliográficas

- ALVAREZ, J., & PASSOS, E. (2009). Cartografar é habitar um território existencial. In: E. PASSOS, V. KASTRUP, & L. d. ESCÓSSIA, *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 131-149). Porto Alegre: Sulina.
- ARANTES, M., & CESAR, C. (Compositores). (2007). Grãos de mar. [BETHÂNIA, Maria, Artista] [cd]. São Paulo, SP: Biscoito Fino.
- ARTAUD, A. (1983). Para acabar com o julgamento de Deus. In: A. ARTAUD, *Os escritos de Antonin Artaud* (C. WILLER, Trad., pp. 145-162). Porto Alegre: LPM.
- BARROS, M. E. (2005). Desafios ético-políticos para a Formação dos profissionais de saúde: transdisciplinariedade e integralidade. In: R. PINHEIRO, R. B. CECCIM, & R. A. MATTOS, *Ensinar Saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde* (pp. 131-152). Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESQ: ABRASCO.
- BAUMAN, Z. (2008). *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias* (1 ed.). (J. Zahar, Ed., & C. A. Medeiros, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- BENTO, B. (2006). *A invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BRASIL, M. d. (19 de fevereiro de 2002). Portaria GM nº 336. Brasília.
- BRASIL, M. d. (2004a). *Residências Terapêuticas: o que são, para que servem*. Brasília: Ministério da Saúde.
- BRASIL, M. d. (2004b). *Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde.
- BRASIL, R. d. (11 de outubro de 1890). Código Penal. . *Decreto nº 847* . Rio de Janeiro.
- CAEIRO, A. (2007/1912). O guardador de Rebanhos. In: F. PESSOA, *Alberto Caeiro: Poemas completos* (pp. 13-72). São Paulo : Saraiva.
- CAEIRO, A. (2007/1918). Poemas inconjuntos. In: F. PESSOA, *Alberto Caeiro: poemas completos* (pp. 81-157). São Paulo : Saraiva.
- CARVALHO, Y. M. (2007). Educação física e saúde coletiva: uma introdução. In: M. T. LUZ, *Novos saberes e práticas em saúde coletiva* (pp. 19-34). São Paulo: Hucitec.
- CARYBÉ, H. B. Capoeira na beira da praia. *Gravura*. Salvador.
- CECCIM, R. B. (2005). Educação Permanente em Saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva* , 10 (4), pp. 975-986.

- CECCIM, R. B., & FEUERWERKER, L. C. (2004). O Quadrilátero da Formação para a Área da Saúde: Ensino, Gestão, Atenção e Controle Social. *PHISIS: Rev. de Saúde Coletiva*, 14 (1), pp. 41-64.
- DELEUZE, G. (2006/1993). *Crítica e Clínica*. (P. P. PELBART, Trad.) São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, G. (1998). Da superioridade da literatura anglo-saxônica. In: G. DELEUZE, & C. PARNET, *Diálogos* (pp. 29-61). São Paulo: Escuta.
- DELEUZE, G. (2005/1986). *Foucault*. (C. S. Martins, & R. Ribereiro (revisão), Trads.) São Paulo: Brasiliense.
- DELEUZE, G. (1988/1994). O Abecedário de Gilles Deleuze. (C. PARNET, Entrevistador)
- DELEUZE, G. (1990). *O que é um dispositivo?* Acesso em 4 de 2011, disponível em Universidade de Brasília: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.pdf>
- DELEUZE, G. (1998). Uma conversa, o que é, para que serve? In: G. DELEUZE, & C. PARNET, *Diálogos* (pp. 9-27). São Paulo: Escuta.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. (1996). *Mil Plátos: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3* (Vol. 3). (A. G. NETO, A. L. OLIVEIRA, L. C. LEÃO, & S. ROLNIK, Trads.) Rio de Janeiro: editora 34.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4* (Vol. 4). (S. ROLNIK, Trad.) São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. (1997). *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia, vol. 5* (Vol. 5). (P. P. PELBART, & J. CAIAFA, Trads.) São Paulo: 34.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. (1992). Percepto, afecto e conceito. In: G. DELEUZE, & F. GUATTARI, *O que é a filosofia?* (B. Prado Jr., & A. A. Muñoz, Trads., pp. 211-256). Rio de Janeiro: 34.
- FALCÃO, J. L. (2004). O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana. *Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Orientada pela Profª. Drª Celi Nelza Zülke Taffarel em Co-Orientação pelo Prof. Dr. José Machado Pais*. Salvador, Bahia: UFBA.
- FOUCAULT, M. (1969/2007). *Arqueologia do Saber* (7ª ed.). (L. F. Neves, Trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (2001b). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (14 ed.). (M. T. ALBUQUERQUE, & J. A. ALBUQUERQUE, Trads.) Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FOUCAULT, M. (2001a). *Microfísica do poder* (16 ed.). (R. Machado, Trad.) Rio de Janeiro: Graal.
- FRAGA, A. B. (2006). *Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa*. Campinas: Autores Associados.

- FRAGA, A. B., WACHS, F., TEIXEIRA, I. d., NUNES, R. V., & ZIBENBERG, I. G. (2009). "Sedentarismo é...": concepções de praticantes de caminhada e a medicalização das práticas corporais. In: A. B. FRAGA, J. Z. MAZO, M. P. STIGGER, & S. V. GOELLNER, *Políticas de lazer e saúde em espaços públicos* (p. 125). Porto Alegre: Gênese.
- GIACÓIA Jr., O. (2001). *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo/RS: Editora Unissinos.
- GIACÓIA Jr., O. (2002). Resposta a uma questão: o que pode um corpo? In: D. LINS, S. GADELHA, & (org.), *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo* (pp. 199-216). Rio Janeiro: Relume Dumará Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto.
- GIL, J. (2002). O corpo paradoxal. In: D. LINS, S. GADELHA, & (org.), *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo* (pp. 131-148). Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto.
- GLOBO-REPÓRTER. (22 de outubro de 2010). *Atividades simples do nosso dia a dia podem ajudar a emagrecer*. Acesso em 25 de outubro de 2010, disponível em <http://g1.globo.com/globo: http://g1.globo.com/videos/globo-reporter/v/atividades-simples-do-nosso-dia-a-dia-podem-ajudar-a-emagrecer/1361400/#/Edi%C3%A7%C3%B5es/20101022/page/1>
- GOULART, L. F. (Diretor). (2008). *Mestre Bimba: A capoeira iluminada* [Filme Cinematográfico].
- HEMINGWAY, E. (1952/2009). *O velho e o mar* (65 ed.). (F. d. Ferro, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand.
- HOUAISS. (2007). Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2.0.
- HUME, D. (1740/1995). *Um tratado da natureza humana*. (R. Gutiérrez, & J. S. Caio, Trans.) Florianópolis: Paraula.
- KAFKA, F. (1985/1997). *A metamorfose*. (M. Carone, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- KASTRUP, V. (jan/abr de 2007). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), pp. 15-22.
- LISPECTOR, C. (2009). *A paixão segundo G.H.: Romance*. Rio de Janeiro: Rocco.
- LOURAU, R. (1993). *René Lourau na UERJ: Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ.
- MATTOS, R. d., & LUZ, M. T. (2009). Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19 (2), pp. 489-507.
- MAUSS, M. (1974). Noção de Técnica Corporal. In: _____, *Sociologia e Antropologia* (M. W. Almeida, Trad.). São Paulo: E.P.U. Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
- MENDES, R., & CAPINAN (Compositores). (2007). Beira-mar. [BETHÂNIA, Maria;, Artista] [cd]. São Paulo, SP: Biscoito Fino.

ORLANDI, L. B. (15 de outubro de 2009). *Ética em Deleuze*. Acesso em 10 de 05 de 2010, disponível em Café Filosófico: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/10/15/integra-etica-em-deleuze-luiz-b-l-orlandi/>

ROCHA, M. L., & AGUIAR, K. F. (2010). Entreatos: percursos e construções da psicologia na rede pública de ensino. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10 (1), pp. 68-84.

ROLNIK, S. (2006). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS.

SANT'ANNA, D. B. (2001). *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade.

SILVA, A. M., & DAMANI, I. R. (2005). As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: _ (Orgs), *Práticas Corporais V.1* (p. 100). Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte.

SILVA, S. T. (2007). *Capoeira: movimento e malícia em jogos de poder e resistência*. Belo Horizonte: PUC-MG.

SOARES, C. E. (2004). *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)* (2ª rev. e ampl. ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

VASCONCELOS, M. d. (set/dez de 2010). Como tantas: Maria. *Educação & Realidade*, 35 (3), pp. 277-302.

VASCONCELOS, M. d. (31 de mar de 2008). Loucos e Homossexuais: consumidores como outros quaisquer. Um estudo sobre modos de subjetivação de relações homoeróticas em um CAPS de Aracaju-SE. *Dissertação de mestrado*, 233. Salvador, BA.

VELOSO, C. (Compositor). (2007). O nome da cidade. [BETHÂNIA, Maria, Artista] São Paulo, SP: Biscoito Fino.

VEYNE, P. M. (2008). *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história* (4ª ed.). (A. Baltar, & M. A. Kneipp, Trads.) Brasília: Editora Universidade de Brasília.

WACHS, F. (2008). Educação Física e Saúde Mental: uma prática de cuidado emergente em Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). *Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Alex Branco Fraga*, 145. Porto Alegre: UFRGS.

WHO, W. H. (2 de 2010). *World Health Organization*. Acesso em 25 de 10 de 2010, disponível em World Health Organization: <http://www.who.int/features/factfiles/obesity/en/index.html>

ZORDAN, P. Frágil: diagrama flexível, plano de composição. *Aula 2 da disciplina Frágil ministrada na pós-graduação em Educação*. PPGEDU/UFRGS, Porto Alegre.